

*Nem sempre
amar é tudo*

SALMA FERRAZ

2012

QUASE SEMPRE

É

NADA

Dedicatória

Para os amigos de todas as horas
Maura Paula Miranda, pelos conselhos
Tony Roberson de Mello Rodrigues, o irmão sempre presente
Margarida Arcari, pelo pensamento positivo
Ellen Eni Martins, o anjo no momento certo
Roseli Bröering dos Santos, pela paciência
Christina Ramalho, por ser quem é
Raphael Novaresi Leopoldo, meu Anjo da Guarda
Rosana, minha amiga da Banca
Jaime Antonio Zanluchi, pelas sugestões no conto Ruhe in Frieden
Edair Gorki, pela revisão final.

Em especial para
Samuel, Heloíse, Raquel, Kirlan, Junior: meu sangue.

*A quem me fez
sair de mim!
O Ogro
Que me Amou
Que Amei
Mas isto não foi tudo.*

SUMÁRIO

- 1 Nem sempre amar é tudo
- 2 Biscoitos
- 3 Efeito Melancia = Mulheres Frutas
- 4 Ruhe in Frieden!
- 5 Valsando enquanto a morte não chega

"Amar é perder a onipotência e a onisciência. Apaixonar-se é mergulhar na ignorância: sim, é uma espécie de queda. Fechando os olhos saltamos de um rochedo na esperança de cair em algo macio. Nem sempre é macio; mas ainda assim, eu repito a mim mesmo, ainda assim, sem esse salto ninguém vive de verdade."

Salman Rushdie

"Ostra feliz não faz pérola."

Rubem Alves

Nem sempre amar é tudo¹

“O amor romântico é podre, é pestilento, é piche, é pus. Esse amor, um fruto doce a princípio, é, na verdade, puro veneno.”
Stella Florence

O Amor é, afinal, uma enfermidade ou uma vocação? Eu era totalmente poética. Adorava emoções. Às vezes sentia nascer em mim a ridícula ideia de ser poeta e escrevia meus poemas fosforescentes de paixão num caderninho com capa reciclada. Queria o arrebatamento das grandes paixões, o mergulho no desconhecido. Chegava a sonhar sonhos, porém... Leitora apressada! Tenha calma! Antes do *porém*, algumas considerações...

Achar um homem para chamar de seu é algo quase impossível neste tempo em que vivemos e no qual os homens vivem o que se convencionou chamar de *o crepúsculo do macho*. Agora o que está na moda é o que se chama de metrossexual. Na primeira vez que vi o termo pensei em homens bem dotados, metros e metros de músculos pelos quais algumas fêmeas pagam um preço altíssimo. Mas não era nada disso. Os metrossexuais são os homens do espelho, elegantes e requintados. Segundo os entendidos em comportamento, dois bons exemplos dessa nova modalidade de homem são Brad Pitt e David Beckham. Mas ter um metrossexual é coisa para as deusas das passarelas, porque esses homens não estão por aí, em qualquer esquina. As mulheres normais, pobres mortais, há muito tempo deixaram de ser exigentes. Para elas qualquer centímetrossexual está de bom tamanho: durão ou chorão, másculo ou franzino, magro ou gordo, refinado ou troglodita, cabeludo ou careca, maduro ou jovem, qualquer milímetro com aparência de homem serve. Aliás, achar um Homem, com H maiúsculo, já é lucro... Sem falar nos *neopatriarcas*, *power-seekers*, *retrossexuais*, *übersexuais*. Tenho saudades do tempo em que só havia um tipo de homem: macho.

Bem, vamos ao homem que eu pretendia chamar de meu. Eu o conheci num lançamento de livros no *Café Matisse*, um barzinho localizado dentro do Centro Integrado de Cultura, o CIC, em Florianópolis, no inverno de 1997. O local era perfeito para conhecer alguém especial, meia luz, MPB ao

¹ Primeiro lugar no II **Concurso Nacional Claudionor Ribeiro de Contos**, Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, 2007. Quarto Lugar no **Prêmio de Literatura Franklin Cascaes**, 2005.

vivo. Ele, como saído de um conto de fadas, apareceu do nada e era perfeito: loiro, olhos azuis, 1,80m, aproximadamente 80 quilos, calça preta pregueada na frente, camisa branca e suspensórios vermelhos. Eu era e sou louca por homens que usam suspensórios e colete. Mais tarde descobri que ele tinha uma colorida coleção deles. Bati os olhos naquela figura, deslocada no ambiente e no tempo, ali, parada em pé no canto do *Matisse*, parecendo um dândi do século passado – desculpe, estou envelhecendo: do século retrasado.

Ele era culto e gostava das mesmas coisas que eu. Éramos obcecados por Frida Kahlo, Clóvis Trouille, Fernando Pessoa e Neruda, música medieval italiana e canto gregoriano. Detalhe importante: ele era maravilhosamente dez anos mais novo que eu. Não que eu fosse uma devoradora de anjos – novamente perdão, essa é tão antiga que nem sei de que século é. O problema é que os homens de minha idade, sem medo de errar, se encaixavam em algumas categorias igualmente problemáticas: 1) estavam encantadoramente bem casados, e nesse caso não restava uma mísera chance; 2) estavam ou diziam que eram mal casados, e aí certamente seria complicação em dose tripla; 3) eram divorciados ou estavam se divorciando, às vezes, do segundo ou terceiro casamento. Nesse caso seriam ex e mais ex, filhos e mais filhos, pensões e mais pensões, traumas e mais traumas; por fim, a quarta e última categoria: eram lindos, livres, ricos... e homossexuais. Nada contra os *homopurpúris*, mas ainda prefiro Homem, essa espécie em extinção, brevemente objeto de visitação em museus. Assim, não só a mim, mas a muitas mulheres na idade da loba, divinamente, sobravam e sobram os mais jovens. Livres, leves, soltos, sem LER, depressão, dores lombares, pensões nem filhos. Em pleno chamado *crepúsculo do macho* sobravam os machos da alvorada.

Nesse deus loiro, porém, de olhos azuis e cabelos lisos como um raio de sol, o que mais me atraiu foi seu romantismo. Eu tinha 37 anos e mesmo assim me sentia ao lado de alguém imensamente mais velho que eu. Era como se ele já tivesse nascido maduro e eu já conhecesse aqueles olhos há muito tempo... Eram jantares à luz de velas, bilhetes, cartas em papel reciclado, flores, cestas com café da manhã...

Certa vez, ele alugou um barquinho no Canto da Lagoa e me levou para uma ilhazinha deserta. O barco não parecia daqueles do Hawaii, era

mesmo um humilde barco de pescador do Canto da Lagoa, forrado com ramos de ipê amarelo. O pôr do sol avermelhando, a Ilha encantada, com suas mil bruxas acordando naquele momento mágico, e nós dois, náufragos embebidos pelo perfume do ipê, rumo ao encontro do poente nos cantos misteriosos da Lagoa da Conceição. As bruxas da Ilha comiam, sossegadamente, todos os decotes do horizonte avermelhado. A velha cabana deserta no alto de um morro, o peixe fresco assado na brasa, a música dos muitos grilos e sapos, tudo tão perfeito que até esqueci dos micuins que arruinaram minhas pernas já doloridas pela subida do morro íngreme. Tudo foi poesia de fim de século *retrasado*, porque, mesmo nos conhecendo havia três meses, passamos a noite inteira conversando e ele, apesar de muito vinho, beijos e beijos que o vento levava e trazia de volta, simplesmente não partiu para o chamado *finalmente* e não fizemos aquilo que todos fazem quando estão apaixonados numa cabana deserta. Esperamos o amanhecer enquanto o sol cortejava carinhosamente as águas da Lagoa. Eram as fadas que, em sinfonia, devolviam a aurora, empurrando as bruxas de volta para suas escuras cavernas. A Ilha de Santa Catarina concentra o maior número de bruxas por quilômetro quadrado do Brasil.

Isso me encantava, ele não tinha pressa, gostava de saborear aqueles beijos cinematográficos, degustando o beijo, o carinho, o vinho com queijo, rindo, ou seja, como amantes de outros séculos, namorávamos. E era justamente isso que eu criticava nos rapazes mais novos: a falta de romantismo, a radical ausência de tempo e paciência para namorar. O namoro atual acompanhava a velocidade da internet, de *Matrix*. Conectava-se, ficava-se, amava-se, sexuava-se; ou, como dizia Paulo Lins, *leve-me, lave-me, love-me*. Depois deletava-se, desconectava-se, tudo em questão de horas.

Apaixonei-me ridícula e pateticamente por Vladimir. Aliás, na esteira do que diz Pessoa num de seus poemas, todos os apaixonados são extremamente ridículos. Mais um mês se passou até que, depois de um jantar num restaurante português no Córrego Grande, com um bacalhau maravilhoso, finalmente ele me convidou para conhecer seu apartamento, que ficava no Bairro do Estreito, do outro lado da romântica Ponte Hercílio Luz.

Só o fato de atravessarmos a ponte, com uma lua de cartão postal, já era mágico. As bruxas certamente naquela noite cederiam lugar às fadas.

Aliás, aqui na Ilha, sempre se dizia que alguma coisa acontecia quando um casal cruzava a ponte em noite de lua cheia. Eu, que nem acreditava nessas crendices dos ilhéus, passei a não ser tão incrédula quando, ao cruzarmos a ponte, ele errou de propósito a marcha e, pela primeira vez depois de quatro meses de namoro, deslizou suavemente sua mão e acariciou minha perna sob a laicra do tubinho preto. Gostei do carinho e rimos muito. As fadas ainda existem, bem debaixo do Equador, numa encantada e cara ilha do Atlântico Sul.

O apartamento estava tão bem arrumado que me deu até vergonha do meu, tão cheio de pilhas de livros empoeirados, os quais a empregada olhava raivosamente por não poder sequer limpar. No guarda-roupa entreaberto, visualizei a coleção de coletes e suspensórios, metodicamente separados por cores. Essa perfeição me irritava: ele não tinha um defeitinho sequer! Tenho, contudo, uma filosofia que aprendi nos meus quarenta anos de leitura e de vivência, mais vivência do que leitura: desconfiem da perfeição, um ser completamente perfeito esconde alguma coisa terrível. Essa filosofia, infelizmente, nunca falhou e creio que nunca falhará.

Dançamos ao som de Bee Gees. Ele serviu um vinho do Porto. Adivinhava os meus pensamentos e os meus mais secretos desejos. Havia girassóis no vaso, ele sabia que aquela flor era a metáfora de minha vida. Na mesinha, o meu filme preferido: *Nós que aqui estamos por vós esperamos*. Incrivelmente, ele sabia tudo a meu respeito como se me conhecesse de amareladas épocas. Aliás, eu parecia estar vivendo em algum lugar do passado. Toda mulher, idiotamente, quando está amando, acha que está vivendo um conto de fadas, só pensa no príncipe, esquecendo-se dos vilões e sapos que estão sempre presentes nessas estórias.

Bailamos, comemos, nos beijamos, nos beijamos, nos beijamos, e partimos para as primeiras carícias, que foram suaves e lentas. O melhor não era o prazer em si, mas a expectativa do prazer, a imaginação do que viria pela frente. Ele sabia retardar o prazer, parecia conhecer verdadeiramente uma mulher e o que ela espera de um homem. Suas mãos deslizavam pelo meu vestido, eu deslizava minhas mãos pelas suas costas, enroscava seus cabelos loiros em meus dedos. Aliás, homens de cabelos cumpridos me deixavam e me deixam louca. E beijos, muitos beijos numa intimidade absoluta

e sem pressa. O calor invadia meu corpo, mas não tínhamos pressa. Sintonia perfeita de quem tem a eternidade a seus pés. Os carinhos continuavam intensos, um sofrimento de sofreguidão nos invadia, a demora já era quase dolorosa. No meio daquele masoquismo maravilhoso, ele surpreendeu-me ao dizer que precisava tomar um banho rápido. Uma ducha fria caiu sobre meu corpo quente. Por quê? Por que tomar banho se ele estava com o cheiro de *Diavolo*? Eu me irritei, pois já sabia que o banho, como tudo o que ele fazia, não seria rápido. Mas como não existe perfeição, resolvi esperar.

Retirei minha *lingerie* da sacola que estava em cima do sofá e vesti calmamente as duas peças pretas que eu havia comprado especialmente para aquela noite tão desejada. Examinei todos os ângulos, estava bem, eu era bonita, pernas bem torneadas e bronzeadas, seios firmes, graças a muitos peitorais e à marca de sutiã reforçado *Triumph*. Deitei-me e só então percebi algo que me fez mais feliz do que eu já estava. Repito, ele adivinhava todos os meus desejos... Sobre a cama, dezenas de pétalas de girassóis espalhadas, e na cabeceira um champanhe gelava num baldinho de alumínio. Eu ensaiava, antegozando todos os prazeres futuros daquela noite mágica, diversas poses provocativas. Por vezes, me colocava naquele ângulo fatal, de lado, com as pernas dobradas, ofertando-me timidamente. Simplesmente impossível. Naquela noite eu estava mais para um girassol desabrochado do que para um botão de rosa fechado, embora tivesse que fingir, como, aliás, fingem todas as mulheres.

Treinei todas as poses. Sonhei com todas as fantasias de revistas femininas folheadas rapidamente no salão de beleza, uma vez que já passara mais dez minutos e nada dele sair do banheiro. O tique-taque de um relógio antigo na parede me enervava. Eu podia ouvir o barulho do chuveiro e sua voz que cantarolava, aliás, impecável para um principiante, uma ópera – *Carmem*. Mais cinco minutos e o banho de noiva, se acompanhasse a duração da ópera, prometia demorar mais ainda. Comecei a me incomodar e pensar no completo despropósito daquele banho, seu corpo estava perfumado e ele, com aquela brancura despudoradamente sexual, se limparia de quê? Sua pele era um pó de arroz, lavar o quê? Estava cansada de esperar meu delicioso lacta branco. Sonhos de valsa, de ópera, de mil e uma noites de amor. Mas o silêncio do

quarto era quebrado por aquela ópera e pelo som irritante daquele relógio do arco da velha.

Foi então que os macaquinhos começaram a pular no cérebro. Mente de mulher é algo muito sinistro, impaciente, então é um perigo. Tenho um defeito inconfessável que só às leitoras confesso: adoro fuçar carteira, bolso e gavetas, de homens desconhecidos, é claro. Os que eu conheço, ou confio ou desconfio, não há meio termo. Mas quando ainda não conheço, quando estou conhecendo, futrico sim. Pensei em não fazer isso, o que aquele querubim esconderia? Resisti ao Diabo e ele fugirá de vós. Não resisti, virei meu corpo já amarelo de raiva e de girassóis e puxei suavemente a gaveta da cômoda que ficava na cabeceira da cama, bem ao alcance da curiosidade das minhas mãos. Fui revirando, metodicamente, a gaveta para depois deixar tudo no lugar. Apenas erguia as coisas e foram surgindo revistas, capas de CDs, canetas e um pacote plástico com um recibo bem grande e outros menores anexados por um clipe. Como o pacote de recibos estava coberto por um plástico transparente, nem precisei abrir para ler, sem crer, o que tinha diante de meus olhos verdes e incrédulos:

RECIBO

R\$2.500,00

Recebi do Sr. Vlamidir Sholespanchianik a quantia de R\$2.500,00 (dois mil e quinhentos reais), relativos a serviços sexuais prestados em sua residência por dez meses, no período de março a dezembro de 1996, por livre e espontânea vontade. Declaro que não fui vítima de coação de forma alguma, tendo sido o preço estipulado e combinado como justo entre as partes. Abro mão de qualquer quantia extra, relativa a férias, décimo terceiro ou qualquer outra indenização como hora extra etc.

Terezinha de Jesus

Empregada doméstica

Ele cantarolava a parte mais vibrante da ópera e o maldito relógio parecia acompanhar o ritmo frenético do desafio de *Carmem* e da pulsação acelerada do meu coração. Eu contemplava trêmula a tentativa de assinatura de uma mulher que, pelo rascunho de seu nome, demonstrava ser

semianalfabeta. Um girassol de adjetivos não daria conta de minhas sensações diante daquela estranha ópera trágica representada durante dez meses entre empregada e patrão. Novamente *Casa Grande e Senzala*, em pleno século XXI. Olhei para meu corpo e senti-me ridícula, eu, Gilda pós-moderna, ou pós qualquer coisa, mergulhada nos girassóis de Van Gogh. Minha cabeça era puro *Matrix*. Vieram-me à mente todos os filmes de terror que havia assistido nos últimos anos. Olhei pela porta entreaberta do banheiro, com plástico, e lembrei-me da cena clássica do banheiro de *Psicose*. Os filmes de terror passaram como um videoclipe em minha cabeça. *Corra, Lola, corra*. Recitava mentalmente todos os nomes de assassinos desde *Jack, o estripador*, até o maníaco do parque. Corra, Loira, corra. Eu que aqui estou por vós não vou esperar. Levantei-me de um salto, fui tirando a *lingerie* numa velocidade inenarrável, e ajeitei as peças, bem arrumadas, sobre os girassóis da meia-noite, formando um espectro de corpo de mulher. Arrumei a calcinha de renda preta, fazendo a curva da cintura e, mais acima, o sutiã rendado. Peguei minha sacola vazia em cima do sofá, catei minhas meias finas que estavam jogadas no chão e que eu, pelo nervosismo, não conseguiria vestir, e coloquei dentro. Não achava meu sutiã. Não poderia deixar meu sutiã, jogado no quarto de um estranho maníaco. Pulei do outro lado da cama, o sutiã estava jogado no chão, completamente desprezado. Pus o vestido preto todo amarrotado, não daria tempo de colocar o sutiã, que joguei na sacola. A *lingerie* preta contrastava com o amarelo ouro das pétalas de girassóis e deveria ficar ali como um recado póstumo, não pertencia a mim, pertencia a um grave equívoco, nunca tinha sido usada, era nova e nova continuaria. Peguei um recibo em branco dentro da gaveta, destaquei, odiando aquele barulho de papel picotado como se, com aquela ópera e com o barulho do chuveiro, fosse possível ele ouvir algo, apanhei uma caneta na gaveta, assinei o recibo e saí ajeitando meu seio dentro do tubinho preto, carregando os sapatos nas mãos. Quando me aproximei da saída, segurei a maçaneta e, silenciosamente, consegui abrir a porta no exato momento em que ele desligou o chuveiro, parou de cantar a ópera e disse:

- Já estou indo, querida.

Observei a porta do elevador, a dois metros dali, e o elevador parado no andar superior. Reuni toda a calma do mundo, que não tenho nem nunca terei, e disse respirando fundo:

- Não tenha pressa.

Pé ante pé, desci as escadas até o andar de baixo, chamei o elevador, que saiu do oitavo, passou pelo sétimo e parou no sexto onde eu estava. Entrei no elevador, apertei o botão e consegui finalmente calçar os sapatos. O elevador demorou mais que a ópera inteira de *Carmem* para chegar ao térreo. O porteiro estava dormindo e isso fez com que eu passasse nas pontas do meu salto para não acordá-lo. Na rua, o vento leve batendo no meu rosto suado. Eu corri em direção ao carro, com todos os girassóis da Rússia girando dentro da minha cabeça, girando, girando, eu suando, suando. Não podia olhar para trás. Mulher de Ló, jamais. Fartei-me do lirismo passional, cansei-me do lirismo mingado e branco, e de todas as óperas trágicas, de todos os amores impossíveis. Se eu não conseguisse dar a partida no carro e sair dali em segundos, eu enfartaria de terror. Meu coração acelerado era um cuco cantando na meia-noite, meus pensamentos, girassóis póstumos. Ele, anjo torto no banheiro cantando a parte apoteótica da ópera, enxugando as madeixas loiras e o corpo de querubim caído, príncipe que virou um sapo depois das doze badaladas. O beijo amante às vezes, leitora, pode ser o prelúdio de um estupro, do corpo e da alma. Sim, o estupro da alma, das esperanças, é o mais violento e cruel de todos. Por isso, às vezes, é necessário escarrar no copo de leite, no *lacta* que quer fazer amor contigo, e vomitar nos girassóis que amaciam teu leito nupcial, antes que seja tarde demais, antes que te vicies na droga chamada paixão e ela te conduza magistralmente ao aniquilamento total...

Leitora apaixonada, tenha muito cuidado com o amor! Ele pode ser predatório e ser o carrasco definitivo do teu coração... Lembre-se que o consagrado e batido *eu te amo* não significa a mesma coisa para homens e mulheres. E, às vezes, o teu amor pode ser verdadeiro e legítimo. E daí? Definitivamente nem sempre amar é tudo, há amores que são amores de perdição e de aniquilamento.

Nunca pensei que conseguiria dirigir sem sutiã, mas isso me deu uma sensação de liberdade que nunca havia sentido em toda a minha vida. Cruzei a

ponte de volta com a mesma lua enfeitada no céu. Era o horário das bruxas e elas estavam possuídas naquela noite enluarada.

Resolvi puxar mais o decote do vestido, abrir a janela do carro e sentir o vento batendo em meu seio. Contornei a mágica Ponte Hercílio Luz, que contém em si a nostalgia de todos os amores póstumos, e entrei na Avenida Beira-Mar Norte. Quem cruzar a Beira-Mar Norte depois da meia-noite, em noite de lua cheia, conhecerá o que é ser feliz. O poeta Alcides Buss já dizia *mar av ilha*, essa é a sensação de quem passa pela Beira-Mar. *Maravilha*, sem ópera e sem príncipe desencantado.

Ao chegar em casa, aconcheguei-me na minha cama quentinha e no meu travesseiro com cheiro de hortelã, e pensei: afinal, quem precisa de príncipe para ser feliz? Às vezes é melhor ter as entranhas habitadas por fantasmas e fazer sexo com os anjos falsos... Encostei suavemente meu rosto no travesseiro e dormi com uma felicidade que eu desconhecia. Resolvi tirar férias, definitivamente, das grandes paixões.

Quem se apaixona corre o risco de perder seu livre arbítrio, o domínio de suas emoções, de sua onisciência, e pode mergulhar, sem perceber, na ignorância, baseado na estúpida ideia de que por amor tudo vale a pena, que se pode mergulhar num abismo de olhos fechados, achando que está mergulhando em algo macio. A queda pode ser fatal.

Parece que a humanidade sofre da síndrome de ser feliz, psicopatia da felicidade, todo mundo tem que viver como num final de uma novela, de um filme de amor. A felicidade não é o normal, não é a regra, por isso todos a buscam quase que insanamente. A felicidade é a exceção, a regra é a dor, a decepção, a tristeza. Ninguém consegue ser feliz o tempo todo, e *para sempre* é um tempo longo demais, portanto temos que aprender a conviver com o efêmero que é ser feliz. Amar demais é alucinador, nos faz mal, mas já estamos viciadas e parece que certas mulheres precisam de uma dose imensa de amor impossível, que nos aquece e mortalmente nos petrifica. Aliás, uma vida inteira de felicidade seria insuportavelmente chata. Às vezes, a felicidade traz um desassossego insuportável.

A humanidade feminina glamourizou pateticamente a felicidade, se viciou na endorfina da felicidade, e paga qualquer preço por essa droga alucinógena. A força ilusória do amor faz com que as mulheres vejam as coisas

como elas não são. Elas amam mais ao amor que aos próprios homens. A paixão nos torna míopes, dói muito e tem uma face descarnada e cruel que nos ameaça sempre. Não aceitamos a ideia de que a felicidade pode ter a duração de um instante, de um beijo, isso é muito pouco e não basta. Quem está apaixonado tem ereção no coração, mas pode morrer de priapismo. Você é você e o outro é o outro, nunca será você, nem de você. O amor é efêmero como as rosas, mas as cicatrizes são eternas como as rochas. As ilusões custam muito caro. Na busca desenfreada de grandes romances, vivendo sob a ditadura de sermos felizes, nos esquecemos que a felicidade está ao alcance de nossas mãos e é tão simples: dar uma caminhada na praia, tomar sossegadamente um café com pão quentinho. O verdadeiro, imortal e definitivo amor é o amor próprio.

Por que o obsessivo sonho de casar-se vestida de noiva? Lembre-se que as cigarras, seres alados e musicais, cantam quando estão apaixonadas e têm a cabeça translúcida de noiva, mas são noivas suicidas que jamais ouvirão a marcha nupcial. Outro detalhe: moer e remoer a solidão pode ser algo maravilhosamente doce. E amar o passado pode não ser tão ruim assim. Amar as memórias pode nos trazer tanta paz! Os homens do passado desfilarão para nós sem nos causar nenhum problema, já que sobre nosso passado temos absoluto controle, sabemos o início, o meio e o fim.

Leitora buscadora de príncipes, perdoe o excesso de digressões. Não corra para o nada!!! Quase sempre só precisamos de nós mesmas. Ser Senhora de Si! Você pode achar que sua vida começará quando você encontrar um príncipe, mas pode terminar exatamente nesse momento. Tenho, porém, que terminar o conto... Quando ele saísse do quarto encontraria em cima dos pálidos girassóis uma *lingerie* preta com um recibo assinado em branco. Lembrem-se: até lesmas e lacraias movem-se para frente... Final de ato. Aplausos. Aqui o amor não foi nada...

PSICOPATAS DO AMOR



A Suplicante. Camille Claudel (1864-1943), escultora francesa.

Quem se apaixona corre o risco de perder seu livre arbítrio, o domínio de suas emoções, de sua onisciência, e pode mergulhar, sem perceber, na ignorância, baseado na estúpida ideia de que por amor tudo vale a pena, que se pode mergulhar num abismo de olhos fechados, achando que está mergulhando em algo macio. A queda pode ser fatal.

Parece que a humanidade sofre da síndrome de ser feliz, psicopatia da felicidade, todo mundo tem que viver como num final de uma novela, de um filme de amor. A felicidade não é o normal, não é a regra, por isso todos a buscam quase que insanamente. A felicidade é a exceção, a regra é a dor, a decepção, a tristeza. Ninguém consegue ser feliz o tempo todo, e para sempre é um tempo longo demais, portanto temos que aprender a conviver com o efêmero que é ser feliz. Amar demais é alucinador, nos faz mal, mas já estamos viciadas e parece que certas mulheres precisam de uma dose imensa de amor impossível, que nos aquece e mortalmente nos petrifica. Aliás, uma vida inteira de felicidade seria insuportavelmente chata. Às vezes, a felicidade traz um desassossego insuportável.

*Não corra para o nada!!! Quase sempre só precisamos de nós mesmas. Ser
Senhora de Si!*

*Você pode achar que sua vida começará quando você encontrar um príncipe,
mas pode terminar exatamente nesse momento.*

Enamorada leitora, você gostou do conto? Deixe aqui suas impressões sobre algum sapo ou ogro que já cruzou seu caminho.

Biscoitos

*Dai-me uma mulher tão nova como a resina e o cheiro da terra. Como uma flecha em seu flanco, cantarei...
Começa o tempo onde a mulher começa.*

Helberto Hélder.

Eu sou romântica e mulheres românticas gostam de arquivar pessoas e coisas. Este conto ainda não está pronto, porque resolvi passar minhas férias catalogando minhas cartas, meus cartões, minhas flores secas. Não sei se isso é um presságio, mas lendo os diários de outras duas loucas românticas – Frida Kahlo e Florbela Espanca – senti-me impulsionada a catalogar minhas memórias. Pedi de presente de Natal algo bem barato e útil: caixas coloridas. Estou em pleno verão de 2007, na Ilha de Santa Catarina, este caríssimo *pedacinho de terra perdido no mar*, compartimentando minha vida: caixas dos ex, fotos, cartões e tudo o mais que a desvairada e estúpida imaginação feminina possa arquivar.

O interessante é que minha melhor amiga, Roseli, é a erupção romântica de uma plantação de girassóis se exibindo na passarela do sol do meio-dia. Minha açucarada amiga também gosta de Florbela e Frida, coleciona emoções e é a *proesia* em pessoa. Nós somos tão românticas que não enviamos flores para as pessoas que amamos – enviamos sementes, intenções de flores, flores a haver: não-te-esqueças-de-mim, sempre-viva, amor-suíço-gigante-vermelho. Essa nossa mania de eternizar os *musos* têm nos causado dois problemas: primeiro, a falta de espaço para este *aleph* de tumultuadas memórias acumuladas em quatro décadas de nossas vidas. O segundo, contar com a compreensão do atual *muso* para tantas caixas.

Mas a personagem deste conto, graciosa como ela só, não suportava lembranças. Para Aurora, recordar é ressuscitar fantasmas que em seus frios túmulos deveriam silenciosamente permanecer. Ela não guardava nada, quando rompia um namoro, metia fogo em tudo, não sobrava um mísero cartão. Achava a própria ideia de almas gêmeas simplesmente ridícula e não se considerava uma mulher romântica, já que não era adepta da existência cor-de-rosa. Ela amava o tempo presente, os homens presentes. Combinando com seu nome, ela costumava caminhar, quase de madrugada, pela Beira-Mar,

queria e vivia o amanhecer, o pôr do sol era arcaico demais para ela. Águas passadas não movem moinhos, mas atrapalham namoros. Ela achava que as pessoas tinham uma propensão natural para o sofrimento, parece que gostavam de sofrer não só a dor do presente, mas a dor do passado também.

Aurora tinha e não tinha sorte com seus namorados. Tinha sorte porque sempre fora, apesar de não acreditar nisto, amada por eles; e azar porque, por causa do seu ciúme, não conseguia entender uma mania comum a todos eles. Seus ex-namorados eram maravilhosos e, apesar das muitas diferenças, todos tinham um defeito em comum (do ponto de vista dela, não do meu): gostavam de engavetar, com cor e dor, as lembranças das ex-namoradas.

Em julho de 2001, ela tinha dezoito anos e seu primeiro namorado vinte e três. Ele era um paulistano macarrônico com cristalinos olhos azuis e estudava medicina na UFSC; eles namoravam há quase um ano. No entanto, o namoro não deu certo por causa de uma caixinha arredondada de deliciosas bolachas dinamarquesas *Queen's – Apple Cinnamon Cookies*. Ele tinha uma ex que fora a sua primeira mulher e, por isso, guardava todas as cartas em uma caixa decorada com um castelo azulado. Como ia contando, o namoro terminou antes de completar um ano, quando, numa tarde, ao chegar inesperadamente no apartamento dele, no agitado bairro universitário da Trindade, ela o encontrou sentado no sofá com a caixa de bolachas aberta e diversas cartas espalhadas no tapete da sala, tudo isso ouvindo Andrea Bocelli. Ela pediu que ele escolhesse ou ela ou a caixa de biscoitos. Ele respondeu rapidamente:

— Ôrra, meu, cê não tá entendendo... Fico com a caixa de biscoitos.

Enraivecida, ela o apelidou de *o paulista das bolachas dinamarquesas*.

Passaram-se alguns meses e, no final de 2001, ela arrumou um outro namorado, que tinha a alma gaudéria. O gaúcho vivia com sua família há mais de dez anos na Ilha e, nas festas tradicionalistas, além da pilcha, usava um lenço vermelho que lembrava o Garibaldi da nossa querida Anita. Todas as tardes, em sua loja de materiais esportivos, o roxo e doente colorado, enquanto sorvia o seu mate, ouvia pensativo e triste um CD com o hino do Internacional. Ele guardava com especial carinho aquele CD e não desgrudava dele por nada.

O namoro era vermelho, ela o presenteara com uma camisa oficial do Inter e pedia que ele fizesse amor usando aquele manto sagrado. Ele, contente, obedecia, e ela cantava suavemente uma musiquinha que aprendera quando viajara com ele para assistir a uma partida no Beira-Rio: *colorado, colorado, nada vai nos separar...* Ela simpatizava com o Fernandão e o Sóbis, com toda a esquadra rubra, e já começara a amar a nação colorada, mas resolveu fazer uma marcação cerrada, quase homem a homem, quando notou que seu amado tinha um apego exagerado àquele CD. Compreendeu tudo quando leu a dedicatória da capa: *Para o mais varonil de todos os colorados... Da tua imortal colorada...* Ela, por mais que tentasse não pensar naquele adjetivo, cada vez que ouvia o hino do Inter imaginava todas as glórias coloradas, as sendas de vitórias que aquela metida gaúcha já tinha desfrutado em cima do seu touro.

Ela tinha uma implicação *tepeêmica* com o ontem dos seus namorados. Que mania que as pessoas têm de deixar as coisas suspensas entre o passado e o futuro! Para que lamber feridas já cicatrizadas? Parece que alguns humanos tinham um prazer quase mórbido em ficar remoendo aquilo que foi e o que não foi. Ela sentia algo ruim em relação ao passado dos seus namorados, sentia-se excluída daquele tempo. A namorada que pertencia ao passado deles ganhava o estatuto de um mito, era algo intocável e ela simplesmente não podia competir com uma Afrodite. A mãe do rapaz, a qual não simpatizava com o jeito despachado de Aurora, teve um sádico prazer ao informá-la de que o hino do Inter lembrava ao seu filho de uma monumental deusa gaúcha de lindos cabelos negros. No dia em que iriam completar um ano de namoro, ela o encontrou excitado diante da televisão assistindo ao jogo do Inter. Suportou até o final o jogo, mas explodiu, quando ele em pé começou a pular, correu até o aparelho de som, colocou o CD e começou a cantar o hino do Inter, comemorando a heróica vitória dos colorados: *Glória do desporto nacional / Oh, Internacional / Que eu vivo a exaltar / Levas a plagas distantes / Feitos relevantes / Vives a brilhar /*. Ele apertava a capa do CD contra o sofrido coração vermelho, chorava e entoava o hino do Inter, e ela não sabia se ele chorava pela vitória dos colorados ou pela eterna gaúcha. Chacoalhou-o com modos nada delicados, tomou a capa do CD das suas mãos e, vermelha de raiva, gritou:

— Você escolhe, ela ou eu?

Se as mulheres fossem mais inteligentes, jamais pressionariam um homem, nem dessa forma, nem de nenhuma outra maneira. Esse é o tipo de pergunta que não se faz a nenhum ser testosterônico, principalmente se esse ogro testosterônico for gaúcho e colorado. Eles adoram ser desafiados e dizer orgulhosamente *não*. Perguntas assim despertam o instinto do macho adormecido das cavernas. Cara leitora, se os homens são de Marte e as mulheres de Vênus, eu não sei. Para mim, homem não é uma questão de planeta, mas de veneta! Ele, com a nobre alma colorada ofendida, respondeu aumentando o som:

- Mas bah, gurria! Que ciúme mais besta! Escolho ela!

Aurora foi chutada para escanteio, expulsa de campo, recebeu cartão vermelho sem dó nem clemência e foi rebaixado para a série B. Desse namoro só sobrou sua paixão pelos atacantes do Inter e o zombeteiro apelido dele: *colorado das glórias*.

Em julho de 2002, Aurora completara dezenove anos e teve um namorico com um legítimo manezinho da Ilha, criado na tainha e no pirão. O rapaz era fotógrafo, e com a sensualidade dos seus trinta anos e suas longas madeixas lembrava o tipo *latin lover* de um Antonio Banderas. Beijava como se reunisse em sua boca, ao mesmo tempo, todos os beijos de final de novelas televisivas e, além do mais, coisa rara na Ilha, ainda mantinha aquele jeitinho sensual de falar cantadinho. O namoro acabou na primeira visita que ela fez à casa dele na sossegada praia de Sambaqui. Penduradas por tudo quanto era parede, fotos e mais fotos, compondo uma imensa galeria de despudoradas ex-sereias, explícitas ninfas nuas e seminuas. Ela não aprendia e, ingenuamente, pediu que ele escolhesse entre aquela exposição permanente de sereias nuas em pelo ou ela. Ele, como um apreciador de obras de fartas carnes e curvas, respondeu:

- Tax tola, tax tola, nega? Clar' qui fic'ax fotu.

Esse namorado ela denominou de *o encantador de sereias*.

Final de 2002 e ela, com apenas dezenove, já estava quase desanimada com aqueles seres de venetas que cultuavam as mulheres de algum lugar do passado. Detestava solidão e por isso arrumou outro chamego. O homem era um típico nordestino: vinte e cinco anos, cabra da peste, adorava

forró, bonito da moléstia, curtido pelo sol e criado comendo carne de sol com baião-de-dois. Ele havia chegado de Caruaru, trabalhava vendendo redes na Praia da Daniela e também era um colecionador de memórias, ou melhor, colecionava roupas bregas que ganhara de várias namoradas, dos rincões mais distantes do nordeste. Era a florífera camisa que Marinalva de Fortaleza comprara na feirinha de Iracema; era a girassóica gravata que Glória de Caruaru lhe presenteara; era um fedorento chapéu de couro que Francineide comprara para ele na Feirinha de João Pessoa; e um *botom* com a foto benzida do padim Ciço que uma falsa beata lhe enviara de Juazeiro do Norte. Enfim, tinha uma boutique Severina, composta por quatro grandes malas, fornecida por quinquilharias presenteadas por amantes de todo o nordeste. Como ele mesmo afirmava em suas breguíssimas declarações: era um retirante do amor. Cada vez que usava uma peça de roupa, atrás dela vinha a narração de uma estória de amor severino que ele, como bom macho nordestino, arretadamente desfiava com todas as minúcias.

Aurora suportava tudo isso porque nunca homem algum a dengara tanto como ele. O namoro não durou nem três meses e acabou na primeira vez que tentaram fazer amor. Ele teve a infeliz ideia de contar para ela a estória daquela bermuda verde reluzente que guardava as marcas íntimas da mulher mais quente que ele já conhecera no nordeste. Ela pediu que ele tirasse a bermuda e ele, todo gabola e arrotando vitória, aceitou achando que ia vadiar na areia banhado pelo luar, que finalmente encontrara as maravilhas do sul do Brasil. Ela saiu correndo e jogou os sentimentos e a bermuda-esperança do matuto no mar. O sertão virou mar e foi o maior forrobodó. A correnteza levou a relíquia dos retirantes amores do nordestino e ele ficou lá, pelado, no maior aperreio, gritando:

- Arre égua... Agora deu... Tu vai acabá nus caritó, sua fia da gota-serena, lesada das ideia...

Ela, mangando, o apelidou de *manequim de brechó*.

Estava desanimada com esses passados freudianos dos ex-namorados. Eles deveriam vir com a garantia do selo ISO 9000 – *sem lembranças*. Aurora estava sofrendo de *passadonoia*.

Chegara o verão de 2003 e ela conheceu um atlético descendente de alemães que havia sido criado em Blumenau comendo marreco e bolo de cuca.

Ele morava na *Ilha da moça faceira, da velha rendeira, tradicional, Ilha da velha figueira*, há dez anos. Era surfista, bronzeado, cabelos clareados pela ação do sol, rosto coberto constantemente de protetor solar. Filho de pais ricos, ele passava seus dias entre a Joaquina e a Mole parafinando sua prancha, junto a centenas de outros filhos do sol. A Mole era a passarela das curvas, silicones, barrigas-tanque; e a Joaquina possuía as melhores ondas do país e as mulheres mais esculturais da Ilha da Magia e da Carestia. Aurora se apaixonara pelo conjunto, mas o que mais a encantava era a cor da pele dourada, os cabelos parafinados e o cheiro de mar do rapaz. Ele era malhadíssimo, ou, como diziam na língua do surfe, *adrenalizadamente chocante*, e por causa disso, ela entrou na academia e começou a fazer regime para não passar vergonha entre as deusas da Mole. Antes de começarem a namorar, ela lhe fez umas perguntas que ele achou muito estranhas:

- Você coleciona cartas antigas em caixas de bolachas?
- Não.
- Você coleciona CDs de antigas namoradas?
- Não.
- Você guarda fotografias das ex?
- Não.
- Você guarda as roupas que ganhou de outras mulheres?
- Não. Tô nem aí pro passado. Acabou, acabou.

Ah, ela estava muito feliz. Este era o homem da onda, do presente. Com ele, certamente ela não teria problemas, já que ele nem conhecia o termo *revival*. Ele não guardava absolutamente nada das antigas namoradas, que, aliás, deviam ter sido muitas. O cavaleiro parafinado era cabeça feita, olhava o futuro e não o passado. Como ela desejava aquele filho do mar... Ao olhar para aquele corpo dourado, imaginava como seria fazer amor com ele nas dunas da Joaquina, nas fofas areias da Praia Mole. Para surpresa de Aurora, nas duas primeiras vezes em que fizeram amor ele preferiu os famosos motéis que ficavam na rodovia em direção às praias do norte da Ilha. O homem maresia era simplesmente delicioso no sexo, presenteado pela natureza, perfeito em tudo. Possuía uma cabeleira obscena e realizava com ela todas as manobras *sexsurf: aéreo na junção, aéreo 180, aéreo 360*.

Porém, sempre existe um *porém*. Aurora achou muito estranho um fato curioso: nas duas vezes em que fizeram amor, ele preferiu o escuro total. Ela ficou ruminando quais motivos levariam aquele deus dourado a só amar no escuro. Ele tinha um corpo perfeito e ela vivia na academia, e queria exibir seu corpo agora mais enxuto e sem nenhuma gota de celulite. Nas duas vezes em que estiveram no mesmo motel, durante as acrobacias sexuais, ela tentou acender o abajur, gesto que ele, abruptamente, interrompeu. Depois ela queria desfilar para ele sua *lingerie* nova e ele, que estava todo empolgado para mais uma transa, simplesmente perdeu a vontade e pediu para irem embora. Ela não entendeu nada, mas depois compreendeu que o problema não era com ela. Ele não quis o desfile, porque precisaria acender a luz. Será que ele tinha fobia de luz? Era impossível, já que ele passava o dia inteiro debaixo do sol abrasador de verão. Aurora se lembrara que no motel, quando saiu do banho, a luz já estava apagada.

Resolveu que na próxima vez que saíssem decifraria aquele mistério. Um dia, no entardecer da Praia Mole, ela, visto que a praia estava deserta, ficou provocando o filho do sol. Ele estava completamente excitado, mas quando notou que o sol ainda estava no horizonte, desconversou e pediu para irem embora.

Num sábado à noite, foram a uma festa na *El Divino* e ele, alertado pelos amigos sobre os efeitos de um poderoso coquetel afrodisíaco, bebeu mais do que deveria. Saíram e ela, a pedido dele, dirigiu o carro para o mesmo motel. Parece que ele conhecia bem aquele motel, principalmente o painel de controle que ficava na cabeceira da cama, já que lidava com ele com muita desenvoltura. Chegaram e, como das outras vezes, fizeram amor no escuro e, exaustos, dormiram. Aurora acordou no meio da noite, estranhando o quarto escuro. Silenciosamente ligou o abajur com a luz bem fraquinha, e qual não foi sua surpresa ao notar uma pequena montanha no meio da cama, que se erguia levando consigo o lençol de cetim. Sim, seu surfista estava tendo uma ereção noturna, e que ereção! O lençol parecia um mar branco que se erguia em torno daquele Cambirela só dela e de mais ninguém. Ela se movimentava vagorosamente, não queria acordá-lo de forma alguma. Foi aproximando sua cabeça em direção àquele avermelhado monólito, que deveria estar transbordando de pólen, sua mão foi puxando aos poucos o lençol que

deslizava suavemente. Ela queria sentir de perto aquela natureza que exuberava em generosos centímetros. Foi aproximando seu rosto, enquanto manuseava delicadamente o lençol com uma das mãos. Posso ver a cena. Quando a última ponta do lençol descobriu aquela fartura lascivamente loira, sua mão ficou parada no ar, seu rosto gelado, seus olhos azuis arregalados. Completamente alucinada, viu aparecer diante de si, em alta definição, esplendorosos 22cm em forma de *outdoor*, numa propaganda nada enganosa. Em letras grandes e com espaço razoável entre elas, saindo da base do pênis e indo até a cabeça na curvatura, gravada em carne e músculo, um nome de mulher com uma espécie de dedicatória: **LU FOREVER**.

Seu sexo deu uma comichão de ódio, *sua onda fora cortada* numa manobra radical por aquele pênis de Pandora. Aquilo era evidentemente um penifarsante. Maldito surfista, que deixara que uma mulher com nome de cadela autografasse seu sexo. Ela estava transtornada e pensou em cometer um penicídio. Como ele pudera fazer aquilo com ela? Ela dormira com a *Lu*, fizera sexo com a *Lu*, fora possuída pela *Lu*, justamente ela que nunca tivera tendência para ser lésbica fora penetrada por uma vadia, sentara sobre uma mulher, gozara com uma mulher, *forever*. Quem afinal fora aquela desavergonhada luluzinha, por causa de quem ele resolveu ostentar essa lembrança para todas as outras mulheres que passassem pelo seu pênis? E ela pensando que todos aqueles centímetros lhe pertenciam. Não só não lhe pertenciam como ainda estavam marcados, como um touro com a marca da sua vaca. Aquele pedaço – e que pedaço – tinha ou teve um dia uma dona, e ainda *forever*. Pensou em acordá-lo e fazer um escândalo do tamanho daquele pênis jumentar. Acordar para quê? Ele falara a verdade quando dissera que não colecionava caixas de biscoitos, CDs, fotos, roupas de ex-namoradas. Simplesmente ele omitira que tinha um pênis autografado e, afinal, ela não havia perguntado isso.

Ela escorregou cuidadosamente da cama, pé ante pé, juntou suas coisas numa sacola e, atrapalhadamente, vestiu suas roupas. Antes de sair, caminhou descalça em direção a um espelho de parede e escreveu com batom, na vertical, em letras enormes: *Lu forever*. Foi até a portaria do motel e completamente perturbada chamou um táxi. Saiu dali com duas únicas certezas: jamais olharia para aquele surfista do pênis autografado e odiaria

para sempre qualquer mulher que tivesse nome começado com Lu. Ao chegar ao seu apartamento, lavou incessantemente seu sexo, parecia que trazia em si, nas entranhas, o nome e o sabor de uma mulher que no fundo ela invejava. Imagina o que ela deveria ter feito em cima da cama, para que ele lhe prestasse aquela homenagem *forever*. Lembrou-se de todos seus ex, afinal o que significava uma caixinha de bolachas recheadas de cartas, um CD do Inter, umas fotografias amareladas penduradas na parede, uma coleção de roupas bregas, comparados com um enorme pênis autografado? Era o passado sexual ostentado naquele pênis camaleônico. As manias dos seus ex agora lhe pareciam um grão de areia perto daquela celebridade *penial* – *Lu forever* – ostentada na vertical por aquele *porn actor*. Toda essa decepção foi resumida numa zombeteira alcunha: *Don Picone*.

Chegara o inverno de 2003 e Aurora já estava há quase seis meses sem namorado. Desistira de namorar de novo, depois de sua última tentativa frustradíssima. Ela completaria 20 anos no final de julho. Estava tão triste que não convidara as amigas, porque não queria comemorar nada. Sua tristeza aumentava com o inverno e piorava quando a lua imensa surgia no julho gelado na Ilha *onde a lua vaidosa, sestrosa, dengosa, vinha se espelhar*.

Nunca fizera tanto frio em Floripa. Numa noite chuvosa ela estava tomando uma deliciosa canja no restaurante *Verdilha*, próximo à UFSC, e qual não foi sua surpresa ao perceber o *paulistano das bolachas dinamarquesas* se servindo no bufê de sopas. Ele parecia estar indeciso entre tantas sopas e ela, tomando seu copo de vinho, começou a contemplá-lo de longe. Lembrou-se dos ardentes carinhos trocados entre eles nos bosques da UFSC, de como ele era carinhoso, de como ele nunca tivera olhos para nenhuma outra mulher, exceto aquela da caixa de bolachas. Mas, afinal, ela tinha sido a primeira mulher dele, essas coisas deveriam marcar mesmo. Ele continuava a se servir e ela notou que ele ficava ainda mais bonito vestido de branco, e que muitas garotas o olhavam com olhares gulosos. Ele era inteligente, bonito, romântico, e, o melhor: tinha gostado muito dela. Mas, já havia se passado quase dois anos, ele já deveria estar noivo, uma vez que faltava pouco para ser formar.

Aurora ficou emocionada quando ele, ao enxergá-la, veio entusiasmado em sua direção, disfarçando a emoção, já que o prato de sopa tremia em suas mãos. Conversaram quase duas horas, beberam vinho e foram

os últimos a sair do restaurante. Colocaram todas as fofocas em dia, riram muito e, em frente à Avenida geral do bairro Córrego Grande, tiveram que se despedir porque os dois estavam de carro. Na hora do adeus eles se atrapalharam com os guarda-chuvas e com as capas de chuva. Foi um abraço especialmente molhado. Quando se afastaram, Aurora carinhosamente passou a mão naquelas madeixas loiras e desajeitadas e perguntou-lhe:

- Estás namorando alguém?

- Não, sua boba, sou um cdf, lembra-se? Não tenho tempo. Só tinha pra você, mas...

- Toma um chá comigo na semana que vem...

- Semana que vem. Claro, final de julho é teu aniversário. Aceito o convite. Quando?

- Na sexta, às cinco. Tudo muito simples, não vou fazer nada especial.

Novamente se abraçaram e demoraram mais ainda. Os dois saíram dali pensando em tanta coisa, como haviam perdido tempo, como tinham sido especiais um para o outro e como haviam acabado por uma bobagem amanteigada.

A sexta chegou e Giordano apareceu com uma blusa de lã linda terracota, uma calça preta impecável. No apartamento de Aurora, o chá estava sobre a mesa enfeitada com uma cestinha de flores. Ela havia caprichado na roupa e na mesa. Ela usava um vestido xadrez e a mesa estava bem servida de uma louça especial com motivos ingleses e, além disso, havia chá de maçã, cuca de banana, compotas, geleias e uma enorme caixa de biscoitos dinamarqueses da marca *Queen's – Apple Cinnamon Cookies*. Giordano olhou para aquela caixa de biscoitos dinamarqueses e só conseguiu fazer uma pergunta:

- Você não odiava biscoitos dinamarqueses?

- A gente muda de gosto.

- E de ideias?

- Também. A vida ensina...

- Quer dizer que você não implicaria mais com minha caixinha de lembranças?

Aurora lembrou-se do último episódio de sua vida, pensou o que era afinal uma caixa de biscoito perto de um coito com *Lu Forever*, e respondeu categoricamente:

- Não.

- Posso te confessar uma coisa?

- Claro, amor.

- Agora tenho duas caixas.

- Duas?

- Guardei todas as tuas lembranças numa caixinha de bolacha igualzinha a esta daqui. Você não foi a primeira mulher da minha vida, mas foi a mais especial de todas elas.

Aurora retirou um biscoito, colocou na boca e deu-lhe um beijo amanteigado. Casaram-se, comeram muitos biscoitos e tiveram uma linda filha com cara de princesa dinamarquesa...

Aqui, excepcionalmente, o amor foi tudo.

Côncavo & Convexo



Natureza Morta. Clovis Trouille (1899-1975), pintor francês

Seu sexo deu uma comichão de ódio, sua onda fora cortada numa manobra radical por aquele pênis de Pandora. Aquilo era evidentemente um penifarsante. Maldito surfista, que deixara que uma mulher com nome de cadela autografasse seu sexo. Ela estava transtornada e pensou em cometer um penicídio. Como ele pudera fazer aquilo com ela? Ela dormira com a Lu, fizera sexo com a Lu, fora possuída pela Lu, justamente ela que nunca tivera tendência para ser lésbica fora penetrada por uma vadia, sentara sobre uma mulher, gozara com uma mulher, forever.

Leitora, você gostou do final ou mudaria algo? E se for um leitor, deixe aqui sua opinião sobre o conto.

Efeito Melancia = Mulheres Frutas²

Dança do Créu
Composição: Mc Créu

A primeira é devagarzinho
Só o aprendizado.
É assim, oh!
Créeeeu...(3x)
Se ligou? De novo!
Créééeu...(3x)
...

Tá aumentando mané!

Créu, créu, créu, créu
Créu, créu, créu, créu
Créu, créu, créu, créu
Créu, créu, créu
Créu, créu, créu, créu
Créu, créu, créu
Segura DJ!
...

Ano 2010 *d.B.* Jamais me esquecerei do dia em fomos, eu e mais três mulheres, abundantemente humilhadas por aquela megabunda, afinal vivemos no país onde tudo termina em bunda. O Brasil é um nascedouro de bundas. Neste bundocosmo de cérebros esclerosados precocemente, muitas mulheres não sonham com um lugar ao sol, mas com ter uma bunda exposta ao sol. São as neobundas! Algumas bundas surfistinhas conseguem a proeza de se transformarem em escritoras. É o país das bundalhas onde não se coloca os pés na calçada da fama, mas a bunda na fama! A xuxização precedeu o bundismo e o resultado foi o *homo bundus* que reivindica o bundopólio para si.

Era uma terça-feira abafada pelo verão da Ilha da Magia e da Carestia, a cidade conhecida no Brasil como a cidade de Floriano, Florianópolis, e por nós, como a Ilha de Santa Catarina. Era março e agora estávamos nós, os moradores da *Floripeia*³ desvairada, livres de todo tipo de turistas que, no verão, infernizavam a vida de quem vive aqui. Acabara de sair do consultório da minha dermatologista, Dra. Cássia Schlickmann Mendes, que ficava no sétimo andar do Shopping Trindade, próximo à Universidade. Fora ali buscar a minha receita de um creme milagroso, conhecido cientificamente como

² Menção Honrosa Nacional no **Concurso Nacional Cidade de Araçatuba**, 2009, São Paulo.

³ O termo *Floripéia* foi criado pela poeta catarinense Regina Carvalho em *Vagar Poético* (Coletânea), dezembro de 1993, Ilha do Desterro.

Dimetilaminoetanol, nos consultórios dermatológicos como DMAE, ou mais vulgarmente como *efeito cinderela*. Este creme é muito procurado pelas mulheres após os trinta anos, porque logo após a sua aplicação a pele apresenta um efeito firmador e tensor. É um *lifting* rápido. *In Natura* é encontrado em peixes como salmão, anchova e sardinha. Ah! e em algumas bundas...

O problema deste miraculoso produto, a fonte da juventude das mulheres de minha idade, é o preço. Como é caro, as dermatologistas receitam pequenas porções de 15, no máximo 20 gramas, para serem aplicadas economicamente nas linhas de expressão, os chamados pés-de-galinha, em redor dos olhos. Deixei minha receita numa farmácia do Shopping: *Alana May*. O farmacêutico gentil e bonito, sem necessitar de efeito cinderela nenhum, atendeu-me com a gentileza de sempre, informando-me que o creme ficaria pronto no dia seguinte. Ele era belo no conjunto: altura, sorriso, olhos azuis, uns 35 anos, cabelos castanhos caindo displicentemente pelos ombros, um perfume de cedro e braços selvagens. Sempre gostei de homens de braços peludos. Aliás, gostava... Efeito príncipe que sempre vira sapo...

Na quarta-feira voltei à farmácia para pegar meu efeito cinderela. O calor do início de março era insuportável. Às dez horas da manhã o termômetro já marcava 30 graus. Por conta do calor e, como as aulas ainda não haviam iniciado, todos nós andávamos de bermuda e sandálias, mesmo na área próxima da UFSC. Existiam as deusas, que dispensavam o recato e errabudeavam de minishorts, quase expondo suas partes pudendas na cara dos homens, como sempre, aficionados pelas bundas que saltavam exprimidas de dentro daqueles mínimos pedaços de pano. Algumas vagípedes saíam da praia e com vestidos transparentes entravam pelas lojas do Shopping esfregando suas curvas nos olhos de todos.

Cheguei à *Alana May* para pegar meu produto e sentei-me juntamente com outras três mulheres no banco de madeira da farmácia, esperando nossa vez. Não precisávamos dizer o nome, porque tanto o farmacêutico como as atendentes já nos conheciam. Bastava esperar que elas localizassem o pacotinho com o produto. Enquanto isto, seis pares de olhos disfarçavam e investigavam aqueles braços de Tony Ramos. Com nosso olhar imerso

naquela selva castanha, percebemos abruptamente que nosso campo de prazer fora encoberto por algo enorme.

Tapou completamente nossa visão uma gigantesca bola de carne bronzeada e arredondada. O que era aquilo?! Uma delineadíssima bundaça, tendo como detalhe um pequeno biquíni que tentava se equilibrar naquela macrobunda. O biquíni branco apenas enfeitava, era um detalhe naquela montanha obscena. Cobrindo aquela bundiota, apenas um vestidinho transparente de voal.

Era uma arquibunda que abundava suculentamente a dois palmos de nossas caras pasmadas! Seis olhos não davam conta de abarcar aquele monumento de curvas. E o pior, para inveja suprema e fatal daqueles seis olhos carcomidos de inveja: não tinha uma única celulite. Aquele generoso rabo escalabofético empinava-se ostensivamente em nossa cara. Odiamos tanto aquela mulher que não queríamos olhar seu rosto. Sua bunda melancia nos bastava para tanta humilhação. Mas ela queria liquidar conosco de uma vez só. Para a bucéfala não bastava ter aquela bunda descomunal, tinha cabelos loiros, olhos claros, rosto triangular. Mesmo sem querer ver o resto daquele corpo, *a Mulher Bunda* nos obrigou a isso. Pedi sua encomenda e, enquanto esperava, tentou acomodar aquele traseiro no banco ao nosso lado, nos presenteando com uma bundada.

Quanta humilhação! Foi uma bundança geral. Naquele banco caberia, pelo menos, mais duas mulheres cujos traseiros tivessem proporções humanas. Mas, para que coubesse a fuselagem daquela potranca, nós três tivemos que recuar e espremer nossos tristes e, agora, amassados traseiros. Ficamos com nossa egobunda no chão!

Ficamos ali por alguns minutos que pareceram eternidade. Não falávamos, olhávamos para qualquer lugar, que não fosse para ela. Para nossa surpresa – já esperávamos há uns cinco minutos –, a encomenda dela foi achada por primeiro. O bunda-mole peludo, quase babou ao pronunciar o nome da dona da bunda, que agora nem me lembro mais: uma mulher como aquela não devia ter nome, afinal sua bunda era muito mais que um RG. Perdi até a frase... Voltando ao embasbacado. O animal, no ápice do cio, com olhos nus, chamou a mulher. E só agora, diante de seis olhos extasiados e três bundas

humilhadas, entendemos por que a encomenda dela fora achada. Não era uma minúscula bisnaga de 15 ou 20 gramas. Era um pote de DMAE de um quilo!

Não entendi nada. Observei as mãos da *Mulher Bunda* retirarem algo de dentro de sua bolsa. Tenho que parar para falar da bolsa. Para nosso espanto, a bolsa era *Louis Vuitton* preta, cheia de argolas e laços. Não combinava com a roupa de praia dela, mas era uma legítima *LV* que deveria custar uns 2.500 reais, no mínimo. A lacraia retirou um cheque ouro do *Banco do Brasil* que já estava assinado. Enquanto eu segurava nas mãos o valor de 35 reais que pagariam minha bisnaginha de 15 gramas, ela preencheu um cheque de R\$ 3.000,00 por um quilo de DMAE.

O *bundalopithecus* observava a vagípede preenchendo o cheque, babando. Odiei aquele carrossauro salivando diante de um naco de carne. Eu e as outras mulheres nos entreolhávamos enquanto a outra balconista nos chamava para entregar nossas encomendas. A tanajura preencheu rapidamente o cheque, entregou-o, pegou seu pote e saiu satisfeita, rebolando ostensivamente seu rabo avantajado. Que falta de vergonha na bunda! Pública e impudicamente aquele traseiro bundeante suplicava um créu! As outras mulheres me olhavam sem saber o que pensar ou dizer. Pensei: provavelmente deve ter um salão de beleza. Mas algo estava errado. Salão de beleza não aplicava DMAE naquela quantidade. Não agüentei e perguntei àquele beija-bunda na nossa frente:

- Ela é dona de salão de beleza?
- Não, respondeu sorridente o animal no cio...

Já tinha passado por ridícula. Iria até o fim. As outras duas mulheres, já com os pacotinhos na mão, também queriam saber o enigma da tanajura e aguardavam:

- Mas pra comprar um quilo de DMAE...
- Bem ela usa nela...
- Mas tanto DMAE assim pra ser usado no rosto estraga.
- Ela não usa no rosto!
- Não?

Com os olhos brilhando como de besta próximo ao gozo, e curtindo com nossa cara, respondeu vagindo, apreciando cada gesto de nossa parte:

- Ela usa DMAE na... bunda!

Silêncio de três desbundadas reduzidas à sua mera insignificância diante daquela bundaberração. Não satisfeito com nosso silêncio constrangedor, o tarado ainda vagiu:

- E o marido, podre de rico, paga tudo contente da vida... É um investimento... Também aquilo é um monumento...

Sai dali nauseabunda, odiando aquele bundólatra indecente, odiando aquela vaca rabuda, aquela pornobunda que tinha nascido com o traseiro virado para a lua, que gastava 2.500 reais numa bolsa francesa, praguejando contra aquele marido que gastava 3.000 reais num pote de DMAE, para manter aquela boçalbunda empinada, sem nem um mísero buraquinho de celulite. Minhas carnes tremiam de ódio, não invejava a bolsa, nem o marido rico, mas aquele bunda... Afinal, não se pode ter tudo na vida! Aquela bunda ululante estragara meu dia, meu mês, meu verão. Mas eu dava minha bunda pra bater que aquela bunda não permaneceria nas mãos de um único dono por muito tempo. Era bunda demais para um único degustador... Era como uma melancia, demais para um só...

Cada vez que, economicamente, passava o DMAE nos cantos dos olhos, eu imaginava uma cena pornográfica: aquela bunda deitada num lençol e o marido rico, babando, com as mãos enlambuzadas de creme, massageando aquela tanajura dourada. Aquela calipígia era uma eretora nata.

No Brasil das bundalhas, ter bunda grande é ter selo de qualidade HOMETRO (Homem que mede o caráter de uma mulher pela centimetragem de suas nádegas). Vivemos numa sociedade bundocrática: manda e faz sucesso quem tem a maior bunda. Aqui *bunda* não é mais substantivo e sim verbo: *eu bundo, tu bundas, ele bunda, nós bundamos, vóis bundais, eles bundam*. Aqui, bundam todos. É o *boom* da bunda no reino da Bunda Sutra. Também foi-se o tempo em que se pedia, humilde, a mão em casamento. Hoje pede-se a majestosa bunda em casamento. É o apogeu da Era Bundozoica na qual os Hometros buscam a abundessência. Na Inglaterra, país sisudo,

acredite se quiser, criaram uma *Sociedade dos apreciadores do bumbum de Pippa Middleton*, em inglês *Pippa Middleton Ass Appreciation Society*.⁴

Ódio às bundas burguesas! Ódio às bundas pocotós! Ódio às chinocas! Ódio a todas as bundas da *Playboy*! Ódio às bundas da *Praia Mole*! Ódio às bundas melancias! Ódio às tanajuras! Ódio às trepadeiras bípedes. Ódio à bundarização do Brasil, na qual a mulher só vale pela bunda que carrega. Estava sofrendo de bundopatia crônica.

Três meses depois, em julho de 2008, lá estava eu na mesma farmácia, com nova receita. Notei que o beija-bunda peludo não estava lá. Estranhei porque o bundaloide era o farmacêutico chefe. Perguntei por ele e a atendente que era minha conhecida me apresentou a nova farmacêutica. A atendente foi buscar minha bisnaginha de creme. Enquanto conferia o dinheiro, perguntei-lhe:

- Que aconteceu com ele? Mudou de farmácia?

Como a farmácia estava vazia naquela manhã, a atendente, me puxou pelo braço para um canto retirado do balcão e voz baixa me informou com aquele sotaque manezinho.

- Nem te conto, nega... O jecabunda fugiu para a Europa.

- Fugiu? Como assim?

- Fugiu... com a loira do pote de DMAE!

Silêncio.

- Fugiu com ela, quer dizer, com a bunda dela...

Fiquei boquiaberta e bundaberta com aquela pornopopeia. Aquele outro bundão havia levado um pé-na-bunda. Realizei minha bundoterapia! Triste é o país que valoriza a bunda em detrimento da inteligência. No Brasil a bunda abunda, falta cérebro e sobra inteligência glútea e bucéfala. Há uma cornucópia de bunda e neste Império das Bundas, e os ícones da década de 80 eram a *Rainha dos presídios*, Rita Cadillac, que se automeou como *vovó das mulheres frutas*⁵; a *Rainha do Bumbum e da Bunda Music*, Gretchen, com

⁴ Pippa Middleton Ass Appreciation Society. Esta sociedade nada secreta divulgou imagens do casamento do Real de Catherine e William, em que aparece o traseiro da cunhada famosa. Esta sociedade foi criada no Facebook com mais de 200 mil usuários na primeira semana. Um vídeo foi postado no Youtub logo após a cerimônia, tendo [sido visto](#) por 550 mil pessoas nas primeiras semanas.

⁵ Declaração feita em Abril de 2010.

12 milhões de discos vendidos; e a *Rainha do Tchan*, Carla Perez. Estas musas do bumbum ainda tinham nome⁶.

Mas agora o nome desapareceu, as bundáveis, as *funk bundas* são identificadas por apelidos que nomeiam o formato do seu *derrière*: *Mulher Moranguinho*, *Mulher Melão*, *Mulher Pera*, *Mulher Maçã*⁷, com seus 115 cm de polpa succulenta, *Mulher Melancia*, com seus medidos 121 cm de pura inteligência e celulite – lançada pelo MC Créu –, a *Mulher Jaca*, prima da *Mulher Melancia* (uma verdadeira família bundalógica), a *Mulher Filé* – descoberta por MC Catra –, que consegue a proeza de fazer uma parte alojada no meio do seu filé de 100 cm piscar na chamada dança do *Pisca- Bumbum* etc. E ainda tem as dançarinas (*Mulieribus coxudensis*) melancetes, maçanetes, melanetes botocadas e lipadas. Os homens ainda vão morrer de overdose de bunda! Recuso-me a falar da *Dança do Cartão* e da *Surra de Bunda*. Verdadeiro massacre para o cérebro! Nem uma linha sequer para esta diarreia mental. Enfim, no Brasibunda criou-se uma espécie única no mundo: as mulheres hortifrutigranjeiras, completamente analfabundas, cujo universo

⁶ Na década de 1990, o SBT apresentava um Programa ousado para a época, chamado *Cocktail*, dirigido por Luis Carlos Miele. O programa durou um ano, sendo retirado do ar por pressões de grupos moralistas e religiosos. Neste programa, cada mulher fruta, conhecida como *Garotas tim-tim*, trazia em seu traseiro a fruta que a caracterizava. No entanto, na música cantada por Miele e que era denominada o *Coral da Universidade Cocktail*, os nomes das garotas precediam a fruta:

A **Janine**, que eu levava até pra Igreja (**Cereja**)
Ou a **Débora** que eu queria dar uma canja (**Laranja**)
E a **Celeste** que eu amei desde que vi (**Abacaxi**)
Tanta fruta comum eu nunca vi
Esta é a **Silvia** que eu amo e gamo (**Pêssego**)
Com a **Carla** vou cantando até na chuva (**Uva**)
Se a **Samara** der a mão já me serve, ela é (**Limão**)
Com a Cláudia, que é **Morango**, faço um sundae de ilusão.
Uma salada de frutas que é gostosa até o fim
Pra todos as garotas dão TIM-TIM!

Você poderá consultar vários vídeos no YouTube sobre este programa, bem como a Wikipédia. Pela inocência e beleza do programa não poderíamos deixar de homenagear as precursoras das mulheres frutas pelo seu próprio nome. As garotas tim-tim originais são: **Sílvia Rivera** (pêssego), **Cláudia Barone** (morango), **Déborah Cardoso** (laranja), **Samara Lima** (limão), **Carla Maria** (uva), **Celeste Zeminian** (abacaxi) e **Janine Rangel** (cereja). Logo depois vieram: **Fabiane Zanon** (kiwi), **Adriana Andreosi** (pera), **Ana Karla Siqueira** (framboesa), **Ana Paula Nero** (maçã), **Cláudia Ferreira** (tangerina) e **Sandra Cruz** (amora).

⁷ A mulher maçã, por ocasião da morte do gênio fundador da Apple, Esteve Jobs, fez uma declaração que mudará a história da computação no mundo. Em entrevista à Revista *Veja* de 18/10/2011, com a voz embargada revelou seu segredo: “Meu sucesso veio junto com a Apple, sabe?” Corre um boato de que ela mudará o nome para *woman Apple*.

musical é astronômico: vai do *Créu* ao *Rebolation*. As reputadas subcelebridades fast-food são doentes pela *otoriedade*, são as hiperfêmeas, as bundabotero com seus apêndices maximalistas... Com elas tudo se resolve na ponta da língua! Estas suculentas mulheres frutas, com sua inteligência ginobundal de 1 bundabyte, zeroglotas e apedeutas, só poderão gerar *filhos da fruta!* As telebundas disputam o título da Bunda do Milênio! E nada como uma neobunda atrás da outra. Em breve teremos o bunda *delivery*, a *wikibunda*, a *facebunda*, compostas de bundas vagas e vagas bundas⁸. Em dezembro de 2011, surgiu outra categoria: as mulheres temperos, sendo a primeira delas a *mulher pimenta*. É um desbunde só!

Em 1990, o grande Tim Maia lembrou-se de um adágio popular muito conhecido: “O Brasil é o único país onde prostituta tem orgasmo, café tem ciúme, traficante é viciado”, complementando que aqui “pobre é de direita”. Poderíamos complementar de outra forma: *O Brasil é o único país onde prostituta tem orgasmo, café tem ciúmes, traficante é viciado e bunda tem caráter*⁹. Vivemos numa bundosfera na qual a *burrítsia* suplantou a *intelligentsia*. Se os Estados Unidos reinventaram o termo *burlesco* e em 1920 criaram a *comédia burlesca* para designar shows de strip-tease, a nós só restou a criação da *comédia bundesca*, o strip-tease cru e nu da überbunda na

⁸ Às vezes, não acredito no que leio, penso que estou delirando. Por isto reproduzo na íntegra a reportagem que li no dia 23/01/2012:

Mulher com duas vaginas pode ganhar um milhão de dólares para estrelar filme pornô. Hazel Jones, de 27 anos, tem uma rara condição médica chamada *uterus didelphys*. Na prática, ocorre que a mulher tem **duas vaginas** (além de dois úteros separados). E a situação pode render-lhe um milhão de dólares como estrela de filme pornográfico. Segundo o *"Mirror"*, a doença da moça foi percebida pela primeira vez aos 18 anos, por um namorado. A garota conta que, devido à situação, perdeu a virgindade duas vezes. A proposta para protagonizar um pornô foi feita informalmente por uma produtora de películas do gênero. Hazel não disse se aceita, mas a maioria dos possíveis espectadores consultados foi favorável à gravação do filme. O valor está honesto. Duas vaginas tem que ganhar cachê em dobro. <http://wp.clicrbs.com.br/mundoidao/2012/01/23/mulher-com-duas-vaginas-pode-ganhar-um-milhao-de-dolares-para-estrelar-filme-porno/?topo=77,2,18,,67>

⁹ Na semana em que terminava este conto fui surpreendida com uma notícia: a brasileira Melanie Fronckowiak foi eleita Miss Bumbum Internacional 2008 e recebeu um prêmio de 43 mil reais pela sua bunda. E eu que já achava ridículo Miss Universo... Lógico, a Miss Bumbum Internacional tinha que ser do país das bundalhas.

clitomídia: *periquita's power*. Simplificando para os adeptos do funk: *A Racha tá na Moda*.¹⁰

Por causa de uma popozuda¹¹, Sherazade perdeu a cabeça justamente quando contava sua milésima segunda história. Nem o sultão aguentou. Se você for uma mulher cérebro e não uma analfabunda, leia a nota de rodapé¹². A bunda virou um ente, independente de quem a carregue e a Dinastia da Bunda a cada semana tem mais uma herdeira, uma neobunda¹³. Tonitruante ignorância da bundomídia!¹⁴

Saí dali contente da vida, feliz com minha humilde anatomia, imaginando o efeito melancia estampado na cara daquele empresário rico e corno. Cada homem tem a bunda que merece e nada como uma bunda atrás da outra...

A seguir minha ginocrítica: Viva o cérebro! Abaixo as mulheres melancias! Fim do Bunda Sutra. Mil vaias para a Era Bundozoica! Bem-vinda a geração do Pós-Bunda!! Abaixo a Bundanação!

Aqui só a bunda foi abundantemente tudo...

¹⁰ *A Racha tá na moda*, música do compositor Bocão Funk Rio disponível no site <http://www.youtube.com/watch?v=FklOzrk2ZZc&feature=endscreen&NR=1>, consultado em 09/01/2012. Este funk faz parte do álbum *Bocão Funk Carioca*, 2011.

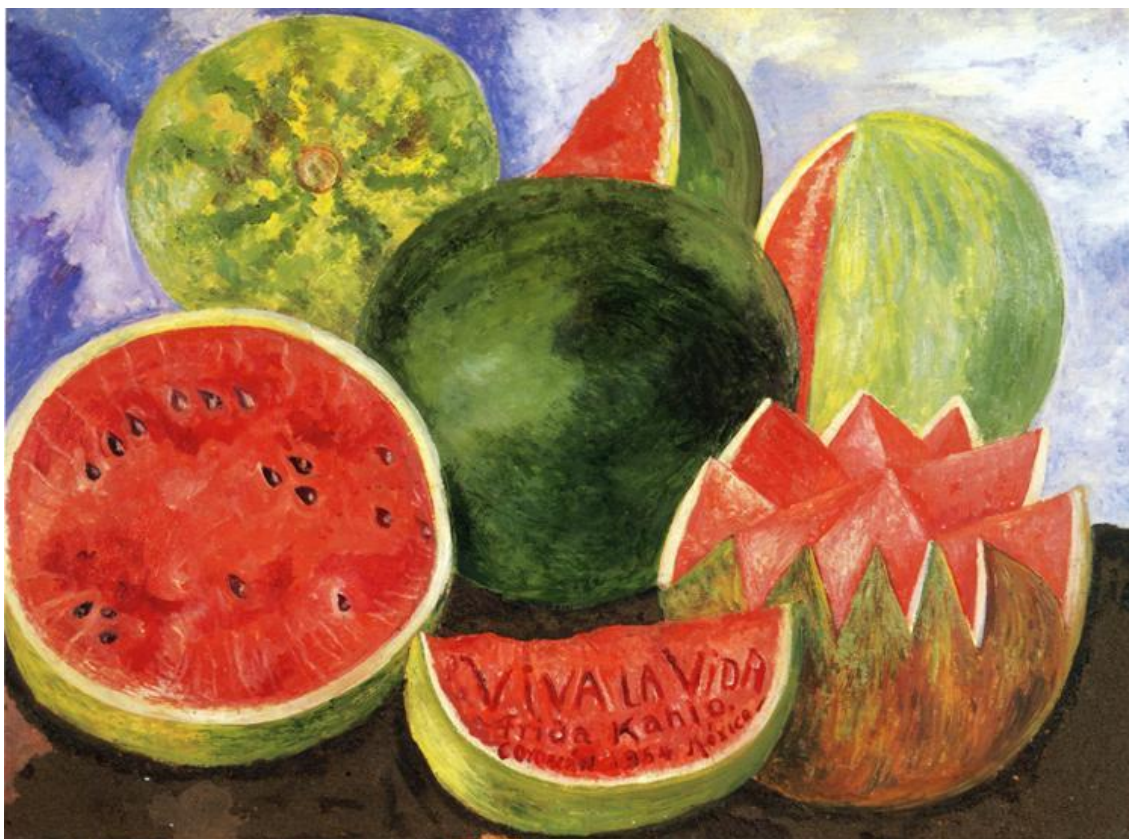
¹¹ Valesca Popozuda e sua bunda foram muito entrevistadas em 2011, já que a funkeira colocou exatos 970 mililitros de silicone na comissão de frente e inacreditáveis 1.100 mililitros de silicone na comissão traseira. Sua comissão traseira virou mesa para marmanjos equilibrarem copinhos de alguma bebida em diversos programas educativos...

¹² Edgar Allan Poe (1809-1849) escreveu o conto "A milésima segunda história de Sherazade", publicado recentemente no livro *Contos Obscuros* pela Editora Casa da Palavra. Se você é uma mulher cérebro, leia o conto de Poe e entenderá por que Sherazade perdeu a cabeça por causa de uma bunda... Use o cérebro!

¹³ Num *site* do Google encontrei o seguinte comentário feito por um anônimo que se identificava como CACA: "Por que a sociedade atual tem os olhos na bunda, as mãos no teclado, os pés no motel, a boca numa cerveja, os ouvidos no funk, a língua num 69, as costas na cama, os pulmões nas drogas, o fígado nos condimentos, o cérebro na evolução, a bunda na playboy, o piercing no umbigo e o coração na conta bancária."

¹⁴ O escritor Julio de Queiroz em magnífico artigo intitulado *A Mulher na Humanidade – Uma sinfonia*, ainda inédito afirma que no século XX, mulher e vagina são quase sinônimos. Segundo o crítico "as glândulas mamárias passaram a competir em tamanho com ubre do *gado vacum* e a vagina, se não exposta, está sempre propositadamente delineada".

MANIFESTO PÓS-BUNDA



Viva la vida. Frida Kahlo (1907-1954), pintora mexicana.

Vivemos na Era Bundozoica na qual os Hometros buscam a abundessência. Ódio às bundas burguesas! Ódio às bundas pocotós! Ódio às chinocas! Ódio a todas as bundas da Playboy! Ódio às bundas da Praia Mole! Ódio às bundas melancias! Ódio às tanajuras! Ódio à bundarização do Brasil, na qual a mulher só vale pela bunda que carrega. Estava sofrendo de bundopatia crônica.

Mas agora o nome desapareceu, as funk bundas são identificadas por apelidos que nomeiam o formato do seu derrièr: Mulher Moranguinho, Mulher Melão, Mulher Maçã, com seus 115 cm de polpa succulenta, Mulher Melancia, com seus medidos 121 cm de pura inteligência e que foi lançada pelo MC Créu, a Mulher Jaca, prima da Mulher Melancia (uma verdadeira família bundalógica), a Mulher Filé, descoberta por MC Catra, que consegue a proeza de fazer uma parte alojada no meio do seu filé de 100 cm piscar na chamada dança do Pisca-Bumbum etc. Enfim, o Brasil criou uma espécie única no mundo: as mulheres hortifrutigranjeiras. Elas são as hiperfêmeas, as bundabotero. Estas mulheres frutas com sua inteligência ginobundal só poderão gerar filhos da fruta!

*Viva o cérebro! Abaixo as mulheres melancias! Fim do Bunda Sutra. Mil vaias para Era Bundozoica! Bem-vinda a geração do Pós-Bunda!!
Vaias a la Bunda Louca!*

Leitor ou leitora, o que você acha das mulheres ortifrutigranjeiras?

Ruhe in Frieden!¹⁵

Tudo aconteceu em Pomerode¹⁶, a *cidade mais alemã do Brasil*, que é composta por descendentes de imigrantes da Pomerânia – localizada entre o norte da Alemanha e da Polônia – e que está encravada num vale chuvoso no Sul do Brasil. Bela, saborosa, alegre e trágica. Bela por sua arquitetura germânica enxaimel; saborosa por sua culinária com marrecos e joelhos de porco; alegre por sua maravilhosa festa pomerana que acontece no mês de janeiro; e trágica porque alguns moradores dali resolvem a hora de sair desta vida antes da hora... O colonizador Hackrath, amigo do Dr. Hermann Blumenau, fundou a colônia em 1863, estrategicamente situada entre Blumenau e Joinville. O passado da colônia está ligado à agricultura e o presente ao porcelanato, aos laticínios, à agricultura familiar e ao turismo. Oitenta por cento dos habitantes da cidade são descendentes de alemães pomeranos e a maior parte dos moradores são bilíngues, falam o português juntamente com o Pommersch ou Pommersch Platt. Trabalham de sol a sol para terem uma vida melhor. As cores vivas das construções estilo enxaimel em amarelo vibrante e terracota retratam um paradoxo: uma cidade que é conhecida ao mesmo tempo pelas suas festas típicas pomeranas e pelos impressionantes suicídios. Parece que os alemães de Pomerode compartilham a alegria e o sucesso e resolvem solitariamente as tristezas e os fracassos.

Nosso conto é sobre uma *Frida* que roubou trinta anos da vida de um submisso *Fritz*. Mas, nunca é tarde para se nascer de novo!

Otto Probst havia se casado com Gertrud há exatos trinta anos, em 1979. Sabia bem porque se casara. Quando criança Otto já era um menino diferente dos demais, sempre estava alegre. Sua vivacidade acentuou-se quando se tornou jovem e isso o diferenciava dos demais rapazes de Pomerode que eram um pouco mais introspectivos.

Num domingo, aos vinte anos, comunicou aos seus que iria participar de uma festa típica alemã. Quando retornou encontrou-os reunidos em torno de

¹⁵ Descanse em paz! Para a escritura deste conto foram preciosas as colaborações das seguintes pessoas: **Tuca Ribeiro**, por informações sobre Pomerode; **Elizabeth Pereira dos Santos Weinsberger**, pelas sugestões preciosas das frases em alemão; e **Jaime Antonio Zanluchi**, pelas leituras e sugestões no enredo e nas músicas.

uma mesa comendo um delicioso *strudel*. O *strudel* de maçã amargou em sua boca quando ouviu que estava na época dele se casar.

Ficou triste! Agora que estava na hora de começar a frequentar as festas e a dançar no *Baile das Majestades*; agora que tinha sido aceito no *Clube Cultural de Caça e Tiro Vale do Selke*, que iria começar a praticar *Scheibenschießen*¹⁷ e a participar dos torneios; que já havia formado uma dupla com seu amigo para disputarem a competição *Schneidermülle*¹⁸, que treinava para beber chopp em metro, que desfilaria no *Grupo Folclórico Edelweiss*; que começava a espichar seus celestiais olhos azuis para as monumentais *Fridas* de Pomerode... se casar? *Nie im Leben!*¹⁹

Depois de ouvir o comunicado saiu do chalé, escutando ao longe o som de uma bandinha alemã que se preparava para as festas de janeiro. Como gostava de cantar e tocar nas bandinhas! Em voz alta disse, balançando a cabeça raivosamente:

- *Ein Unheil!*²⁰

¹⁶ A maior parte desses imigrantes alemães vieram da região histórica da Pomerânia, situada entre o norte da Alemanha e da Polônia e de onde se origina o nome do município. Os pomeranos são descendentes de uma mistura de povos germânicos e eslavos e, desde o século XII, quando passaram a fazer parte do Sacro Império Romano-Germânico, sofreram um processo de germanização de seu idioma e costumes. Quando chegaram ao Brasil, os pomeranos não se identificavam como sendo alemães, pois possuíam características culturais distintas, porém, com o passar do tempo, acabaram se incluindo entre os alemães. Dentre os diversos grupos de alemães que imigraram para o Brasil, os pomeranos formaram uma minoria e por isso, quando chegavam ao Brasil, mesclavam-se com outros grupos de alemães, o que contribuía para perderem sua herança cultural. Apenas em três localidades brasileiras os pomeranos formaram a maioria dos imigrantes, contribuindo assim pela manutenção dos seus costumes: em **Santa Maria de Jetibá**, no Espírito Santo; em **São Lourenço do Sul, Morro Redondo e Arroio do Padre**, no Rio Grande do Sul; e em **Pomerode**, em Santa Catarina. Com o fim da II Guerra Mundial, a maior parte da Pomerânia foi anexada à Polônia e uma pequena parcela ficou na Alemanha, chamada de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental. Muitos pomeranos se refugiaram na Alemanha Oriental ou imigraram para outros países; com isso, acabaram por perder grande parte de seus costumes. De fato, o Brasil tem mais falantes da língua pomerana do que a própria Alemanha. No Brasil, a II Guerra Mundial também foi decisiva para a nacionalização dos imigrantes alemães: o presidente Getúlio Vargas, após declarar guerra contra a Alemanha, proibiu o uso da língua alemã no País, além de proibir a construção de casas sob arquitetura germânica ou a manifestação da cultura da Alemanha. Isso afetou Pomerode e todas as colônias alemãs do Brasil, que passaram a se abrigar. Ao todo, 300 mil brasileiros são descendentes de alemães pomeranos.

¹⁷ Tiro ao alvo.

¹⁸ Competição em dupla, tendo que serrar um tronco de madeira. Vence quem fizer isso mais depressa.

¹⁹ Nem morto!

²⁰ Que desgraça!.

Mas mudou de ideia quando conheceu a noiva arranjada pelos pais. Gertrud, sua prima em terceiro grau, era uma alemã típica: linda, olhos azuis, uma cabeleira lisa e loira, um corpo escultural, bem fornida de carnes, educada, prestimosa, econômica, falava pouco, cozinhava um prato com marreco e repolho roxo cuja receita era almejada por todas as moças de Pomerode. Fazia um delicioso *strudel* que impregnava o ar com um cheiro quase sensual. Além disso, queria ter muitos filhos. Ah, e, principalmente, tinha a virtude que Otto mais admirava numa mulher: falava pouco. Afinal, ele achou que estava reclamando à toa. Ela não era ciumenta, não se importava com suas cervejas, nem com suas idas ao Clube de Caça e Tiro, nem tampouco se importava com o fato dele desfilarem pelos grupos folclóricos, nem de participar das competições típicas. No dia do casamento, ele até se espantou ao vê-la provar cerveja. Justo ela que dizia nunca ter bebido na vida e que recebera forte educação religiosa, católica por parte de mãe, luterana por parte de pai! Era a alemã que todo homem, na face do Vale do Itajaí, sonhava. Afinal ele era invejado pelos moços da região por ter conseguido aquela *Frida*!

O casamento foi um sonho. Os descendentes de pomeranos não mandam convites impressos. O conviteiro, *Hochzeitsbitter*, numa charrete enfeitada de flores convida as pessoas proclamando versos pelas ruas. A cerimônia do *Polterabend – Quebra Louça*, para garantir a felicidade do casal, foi muito bonita. Na despedida de solteiro dos dois, a noiva quebrou um avental cheio de pratos, recitando versos sobre fé e felicidade. Depois os noivos receberam vassouras e varreram os cacos para fora do salão, já que, segundo creem os pomeranos mais antigos, ao varrerem os cacos, eles varrem os espíritos maus que atrapalham o casamento.

Sonhos podem repentinamente se transformar em pesadelo. O dele começou logo após um mês de casamento. Gertrud, que passou a tagarelar mais que uma marreca depois de casada, mostrou-lhe quem era e ao que viera. Proibiu a bebida com a desculpa que tinha um avô alcoólatra. Proibiu os bailes e festas, porque era o mesmo que abraçar a tentação. Proibiu a ida ao *Schützenverein*²¹ porque isso era coisa de quem não tinha o que fazer. Proibiu que ele desfilasse nos grupos folclóricos e participasse das competições típicas, porque isso demandava tempo e eles tinham que ganhar a vida. E aí

²¹ Sociedade de Tiro ao Alvo.

dele se olhasse, sequer elogiasse, qualquer Rainha ou Princesa das Festas! Ela o presenteava fartamente com beliscões 360 graus, na parte do corpo que estivesse mais perto, e lhe deixava uma marca. Uma vez Otto estava na janela, quando passaram pela Rua Wermann Weege umas *Fridas* com trajes típicos que estavam indo para uma festa, com guirlandas na cabeça. Que visão do Paraíso! Que vontade de ir ao baile! De dançar e pular! Que dor! Gertrud lhe deu um beliscão com tanta força na bunda que ficou mais roxa que um roxo repolho roxo. Como queria uma *Frida* diferente, com a qual pudesse dançar, beber, ir às festas...

Ela não era uma megera, era o próprio dragão vermelho do brasão da Pomerânia! E como matraqueava sem parar!

Pensou em se separar, mas todos de sua família elogiavam o caráter de Gertrud: vida exemplar, conduta ilibada, fidelidade, caprichosa. E a prosperidade da fábrica de compotas que agora teria mais empregados e uma filial! E a horta bem cuidada! E a rígida formação religiosa da mulher! E as roupas de Otto! Sempre impecáveis!

E os filhos! Como se sentisse que seu marido não valorizava todos estes seus atributos, nas madrugadas insistia em mexer no seu pijama. Na lua de mel, acordou Otto no meio do sono, mexeu em seu pijama e dentro de nove meses nascia Herta. Três meses de resguardo. Novamente acordou Otto, mexeu em seu pijama e dentro de nove meses nasceu Bruno. Idem, nasceu Gerda. Idem, nasceu Herbert. Idem, nasceu Erica.

Otto ficou desesperado com aquela sexualidade incansável e com aquela fertilidade mágica. Ele nervosamente, pela primeira vez, dentro do quarto, embaixo das cobertas, ergueu um pouquinho a voz e pediu encarecidamente:

- *Nimm die Pille!*²².

Para que não restasse dúvida de sua resolução, enraivecido pelos anos sem poder beber cerveja e pela prole que não parava de crescer, vociferou agora em um bom alemão de Pomerode que era entendido em todo o vale do Itajaí:

- *No trinca, no trepa!*²³

²² Tome pílula!

Depois desta súplica, virou para o canto e dormiu o sono de quem começa a ter aversão a sexo com aquela mulher. Embora ele começasse a ir para a cama só quando a esposa estivesse dormindo, e com o pijama bem amarrado, não adiantou nada. Uma madrugada, mergulhado num sono profundo depois de um árduo dia de trabalho na fábrica de compotas, sentiu que mexiam no seu pijama. Idem, nasceu Rudolph. Otto sentiu aquilo como um golpe baixo. Como ela não tomava providências, ele resolveu radicalizar. Se filhos se faziam com sexo, agora não faria mais sexo.

Três meses após o nascimento do sexto filho, Otto, em meio ao sono dos dominados e infelizes, sentiu uma mão gordinha mexendo em seu pijama, tentando encontrar seu sexo, que de susto se encolheu todinho. O resguardo acabara e Gertrud fazia questão de cumprir religiosamente sua função de esposa. Otto levantou calmamente, acendeu a luz, chegou bem perto dos olhos da mulher que paria mais que coelho e, com os olhos azuis de raiva, olhou dentro dos olhos azuis de espanto. Com a respiração suspensa de medo, o coração disparado, com uma das mãos segurando a abertura da frente do pijama e garantindo a proteção de seu apavorado sexo, levantou a outra mão, apontou o dedo indicador na cara de esposa e, pela primeira vez em quinze anos de casado, teve coragem de, com um ódio intestinal, gritar bem alto:

- *Geschlechtsverkehr? Nie wieder!*²⁴

Após este manifesto antifilhos e antiprazer, Otto passou a dormir num pequeno quarto destinado às visitas. Gertrud soube naquele momento que perdera Otto para sempre. Vivesse ou morresse jamais tocaria naquele homem, que submissamente a odiava. Sem sexo, sem Otto, Gertrud compensou na comida, engordando em alguns meses mais de 30 quilos e comprometendo sua saúde.

Otto pensou novamente em se separar daquele querubim, mas os filhos ainda eram pequenos ou adolescentes e as ameaças de Gertrud o paralisavam. Agora ele entendeu tudo. Ela queria prendê-lo com uma prole enorme. Ela sabia que enquanto as crianças fossem pequenas ele não seria louco de pedir a separação. Ele detestava a tagarelice de Gertrud, que tinha

²³ *Trinca* – abasileiramento do verbo *Trinken* (beber). Portanto, *não bebe, não trepa*. Trata-se também de uma brincadeira com a letra da famosa canção ***Trinca, mais não trepa***, do grupo **VOX 3** de Blumenau.

²⁴ Sexo nunca mais!

uma relação conturbada com o silêncio, por isso transformou-se num homem quase monossilábico.

Numa conversa, olhos azuis fulminantes dentro de faiscantes olhos azuis, Gertrud avisara Otto que se ele se separasse dela, ela se suicidaria²⁵. Fracasso no casamento para uma alemã como ela, só tinha uma saída honrosa: suicídio. Nunca tomaria remédio para depressão, isso era para os fracos. Se o destino lhe reservasse uma peça dessas, para ela que fora a esposa e mãe perfeita, daria o troco: se enfocaria com nó de marinheiro, na viga da armação do telhado do chalé. Ah, faria tudo bem feito, não seria uma suicida fracassada. E o enforcamento seria com os pés no chão, para mostrar que não se arrependera e que tinha coragem para ir até o fim, mesmo podendo evitar o fim. *Lieber sterben als sich scheiden zu lassen*²⁶.

O fantasma futuro de Gertrud, arrastando uma corda pendurada ao pescoço pelas ruas de Pomerode, já fazia com que Otto passasse noites de insônia no presente. Iria até o fim, não pediria a separação. No armário antigo de madeira, sua triste coleção de canecas de chopp – lembrando todas as festas que ele nunca tinha ido –, presenteadas por seus colegas que lastimavam sua triste sina. Cerveja! Ser Veja! Bier! Ao contemplar no baú do sótão seu *trachten*²⁷ mofando solitário, Otto trovejava:

- *Verdammtes Leben!*²⁸

Em setembro de 2009, a roda da fortuna virou, as moiras conversaram e decidiram que o destino estava contra Gertrud e a sorte a favor de Otto. Já haviam comemorado, contra a vontade dele, bodas de prata e agora Gertrud, mesmo sabendo que o marido odiava aquela ideia da festa, preparava compotas e bolos para comemorarem trinta anos de casamento, a tal bodas de pérola. Para Otto aquilo era a própria *Fesselhochzeit*²⁹. Na semana que antecedia às comemorações, receberam muitos presentes. Eram o casal modelo de Pomerode, sinônimo de prosperidade e muitos filhos. Ela se

²⁵ Segundo fontes não oficiais, é grande o número de suicídios em Pomerode. Extraoficialmente comenta-se que só perderia para Venâncio Aires, no Rio Grande do Sul. O suicídio em Pomerode tem uma característica específica: enforcamento. No entanto, a maioria dos enforcamentos são registrados na certidão de óbito como acidente doméstico, o que dificulta as estatísticas.

²⁶ Morta sim, divorciada jamais.

²⁷ Traje típico.

²⁸ Que vida maldita!

²⁹ Bodas de algema. A palavra não existe em alemão. Trata-se de um neologismo criado por mim.

esforçou nos preparativos da festa, convidou quase cinquenta pessoas, trabalhou até tarde da noite todos os dias. A festa era no domingo e, no sábado à noite, Gertrud foi dormir tranquila e sozinha, depois de verificar todos os assados, o *strudel*, as lembranças. Tudo estava perfeito! Menos seu colesterol, triglicerídios e sua pressão. Morreu de derrame na véspera daquela que seria a festa mais importante de sua vida.

Otto ficou triste, porém sereno. Providenciou para Gertrud o melhor velório, o melhor caixão, as flores mais lindas, as coroas mais caras, a mortalha mais bem tecida. Fez questão de dar a ela duas cerimônias religiosas, uma católica e outra luterana, agradando assim a todos os parentes da falecida. Foi velada em dobro! Ele, que era econômico, não economizou em absolutamente nada para a despedida daquele serafim, ser a fim!. Confortava os filhos e recebia os pêsames sem derrubar uma lágrima dos olhos. Todos comentavam:

- *So ein starker Mann!*³⁰ *Wie er seine Gefühle beherrscht!*³¹
*Irgendwann bricht er zusammen!!*³² *Amer Otto!*³³ *So eine Tragödie!*³⁴

O enterro parou Pomerode e até hoje só é menos lembrado do que o episódio que ocorreu em seguida.

Acabado o enterro, o viúvo, os parentes, os filhos, todos trajando preto, voltaram para o chalé dos Probst. Otto entrou silenciosamente no quarto. Todos achavam que ele havia ido chorar em segredo. Dali a dez minutos, para espanto de todos os introspectivos pomeranos presentes na sala e vergonha dos seis formosos e exemplares filhos, Otto adentrou a sala vestido com *Trachten* de festa: calças culotes verdes, meias brancas, sapatos pretos, suspensórios pretos, chapéu alemão vermelho com peninha e tudo o mais. Saiu, enquanto todos ficavam mudos e seus filhos envergonhados, com a certeza de que o pai estava fora de si. Otto voltou dentro de meia hora com um barril de chopp e uma sacolinha de uma loja de música, que continha dois CDs de duas famosas bandas da região: *Banda Cavalinho Branco* e *Banda Vox 3*.

³⁰ Que homem forte!

³¹ Como controla suas emoções!

³² Uma hora ele desaba!

³³ Pobre Otto!

³⁴ Que tragédia!

Colocou o barril de chopp em cima da mesa. Abriu as janelas, deixou que o sol iluminasse aquele ambiente outrora fúnebre. Foi até seu armário e pegou as três canecas de Bier mais lindas que encontrou. Empurrou os castiçais com velas que se arrebetaram no chão, deu um pulo em cima de uma cadeira e de lá, com o vigor de um adolescente, pulou pra cima da mesa que ainda tinha restos de flores e onde sua virtuosíssima Gertrud havia sido velada. Sangrou o barril na frente de todos, encheu as três canecas de uma vez e brindou:

- *Ein Prosit, ein Prosit!*³⁵

Em seguida, soltou sua voz silenciada há três décadas e começou a cantar uma antiga polca alemã e a dançar numa alegria capaz de contagiar anjos, santos e demônio:

- *Im Himmel gibt's kein Bier,
Drum trinken wir es hier.
Denn sind wir nicht mehr hier,
Dann trinken die andern unser Bier.*³⁶

Trinta anos de silêncio explodiam numa alegria cujas palavras não davam conta. Dançava em cima da mesa, bebia e gritava alucinado:

- *Nie wieder wird ein Weibsstück mir Befehle geben!*³⁷

Os conhecidos, convidados, vizinhos, ficaram estupefatos e aos poucos foram se afastando. Todos, a uma boca só, diziam que ele devia estar louco. Os filhos, avermelhados de constrangimento, desconheciam aquele fanfarrão, aquele homem não era o pai deles. Gertrud fora um modelo de mãe, esposa fiel, cozinheira dedicada e mestre em economia: tinham terrenos, casas alugadas, chácaras, a fábrica de compotas que era famosa na região. E Otto fazia uma insanidade destas: dançando, bebendo e blasfemando enquanto o corpo esfriava no cemitério. Uma missa negra! Todos saíram. Os filhos fecharam a janela para esconder tanta loucura e foram embora dali para nunca

³⁵ Saúde, Saúde!

³⁶No céu não tem cerveja,
Por isso bebemos aqui.
Pois quando não estivermos mais aqui,
Outros beberão nossa cerveja.

³⁷ Nunca mais mulher nenhuma mandará em mim.!

mais voltar. Otto continuava, ensandecidamente, alegre, bailando, bebendo e gritando:

- *"Der Himmel hat meine Gebete erhört"*³⁸

Bebeu e dançou o dia todo. O crepúsculo chegou. No cemitério, o corpo de Gertrud começava a esfriar, sua alma voltava para a Pomerânia Celestial, com plena certeza de que fora uma boa alma, de que cumprira sua missão na terra.

No pequeno sobrado, Otto estatelado num sofá, numa felicidade alemã, etílica e edílica, lembrava feliz que estavam em setembro, e que em outubro aconteceria a Oktoberfest em Blumenau. Não aguentaria esperar pela festa Pomerana em Janeiro de 2010. Mais uma caneca de *Bier* e ele agora sonhava adentrar os portões da Blumenau Terrenal... Nem terminava uma caneca e já enchia outra. Possuí-se. Senhor de si mesmo. O rosto vermelho, o nariz vermelho, a alma vermelha de alegria:

- *So eine Freude!*³⁹

Mais uma taça, o céu avermelhado anunciando um próximo dia ensolarado, o cheiro sensual de *strudel* de maçã com canela invadindo o ar, a música do CD que comprara enchia de alegria todo o chalé, uma sensação de ter chegado ao paraíso, uma liberdade transpirando por cada poro encharcado de álcool. Tomou mais uma caneca, e mais outra, e mais outra...

- *Ich werde mich zu Tode trinken!*⁴⁰

Mais outra caneca enquanto a música do CD animava a primeira noite festiva do resto de sua longa vida:

*Quando a banda começa
Já começo a dançar
Agarrado a minha Frida,
Vou pra lá e pra cá
Danço certinho com a banda
E o Fritz grita
"hop, hop, hop"
Esta noite eu vou beber
Uns trinta litros de chopp*

³⁸ Os céus ouviram minhas preces!.

³⁹ Que alegria!

⁴⁰ Vou beber até morrer!

*Ein Prosit, Ein Prosit
Sou Alemão de Blumenau
Ein Prosit, Ein Prosit
Já tá tudo alles blau*

*Depois de dançar três horas,
Sem ficar desacorçoado
A barriga tá roncando
Como marreco recheado
Com chucrut e repolho roxo
Me aumenta a pressão
A Frida me dá uma bronca
Eu dou “uns pum” pelo salão*

*Ein Prosit, Ein Prosit
Sou Alemão de Blumenau
Ein Prosit, Ein Prosit
Já tá tudo alles blau, “uma veiz”⁴¹*

Começara a dormir o sono dos alemães livres, sem donas, sem horário, que bebem, que caçam, que olham as *Fridas* com olhos gulosos de desejos; dos alemães que comem marreco com repolho e depois soltam pum pelo salão; dos alemães que fazem xixi sem parar depois de um bom porre; dos alemães que ficam de saco suado de tanto dançar; dos alemães que ficam vermelhos de tanto beber; dos alemães que são felizes e não sabem! Último gole, a caneca caída do lado do sofá. Otto limpou a boca e abençoou a morte da patroa:

- Ruhe in Frieden!⁴²

Agora sim já estava tudo *alles blau! Alles blau* em Pomerode! *Alles blau* em Blumenau! Aqui o amor não foi absolutamente nada!

Hallo Blumenau! Bom dia Brasil! Dezesete dias de folia! Música, cerveja e alegria! Hallo Blumenau! Bom dia Brasil! Schön ist wieder hier bei euch zu sein, Bier auch bei Regen und Sonnenschein⁴³ Viva! Hallo Blumenau! Bom dia Brasil!. Festa para o povo da cidade! Música para nossa mocidade! Hallo Blumenau! Bom dia Brasil! Ali todo mundo está cantando! Ali todo mundo está cantando! Viva! Hallo Blumenau! Bom dia Brasil! Alles Blau, alles himmelblau im Blumenau!⁴⁴

⁴¹ Música composta por Mário Binder do Grupo Vox 3 de Blumenau. Usada com autorização.

⁴² Descanse em paz!

⁴³ Que bom estar de novo com vocês. Cerveja com chuva ou sol.

⁴⁴ Tudo azul, tudo azul celeste em Blumenau. Esta música é de autoria do maestro alemão Helmuth Högl em parceria com sua esposa, que era brasileira e se chamava Sonir. O maestro

Ruhe in Frieden!



Mulher na Lareira. Camille Claudel (1864-1943), escultora francesa.

Começara a dormir o sono dos alemães livres, sem donas, sem horário, que bebem, que caçam, que olham as Fridas com olhos gulosos de desejos; dos alemães que comem marreco com repolho e depois soltam pum pelo salão; dos alemães que fazem xixi sem parar depois de um bom porre; dos alemães que ficam de saco suado de tanto dançar; dos alemães que ficam vermelhos de tanto beber; dos alemães que são felizes e não sabem! Último gole, a caneca caída do lado do sofá. Otto limpou a boca e abençoou a morte da patroa:

- Ruhe in Frieden!⁴⁵

faleceu aos 64 anos em junho de 2000 e foi sepultado em Munique, na Alemanha. Ele esteve presente em sete edições da Oktoberfest. Esta música, que foi composta em 1986, praticamente é o Hino Oficial desta festa em Blumenau.

⁴⁵ Descanse em paz!

Valsando enquanto a morte não chega

“Ah, se essa valsa for só minha, o resto que me importa?”

Roseli Broering

Fiquei muito impressionada com a *Companhia de Jesus*, a congregação religiosa dos jesuítas, ao participar de um Simpósio de Teologia e Literatura, na FAJE, Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia, em Belo Horizonte, em setembro de 2009. Pouco sabia sobre o trabalho educacional da Companhia fundada por Inácio de Loyola e seus primeiros companheiros, em Paris em 1540.⁴⁶

Hoje em dia os jesuítas formam a maior ordem religiosa masculina da Igreja Católica, com cerca de 19 mil membros, espalhados por 112 países e 6 continentes. A Companhia caracteriza-se pela sua forte ligação com o ensino, tendo numerosos estabelecimentos de ensino médio e superior. Há membros no observatório Astronômico do Vaticano, um dos membros da Academia Brasileira de Letras é jesuíta, e eles desempenham ainda inúmeros trabalhos na área social.

⁴⁶ A data oficial de fundação da Companhia é 27/09/1540 pelo Papa Julio III através da bula *Regimini militantis Ecclesiae*. Ao grupo inicial dos estudantes de Paris, outros se juntaram e em 1540 eram 10 companheiros. A data de 15/08/1534 marca um primeiro desejo manifestado através de uma celebração na Capela de Montmartre de um grupo de 6 companheiros que almejavam permanecer juntos e viver como companheiros. Já a data de 1540 marca oficialmente o reconhecimento desse grupo como congregação religiosa. O líder dos estudantes e fundador da Companhia foi Inácio de Loyola, que se transformou no seu primeiro superior geral. Seus companheiros viajaram pela Europa fundando liceus, escolas e seminários, com uma organização disciplinada, surgida dentro do que se denominou Contra-Reforma. Pregavam a abnegação e tinham voto de obediência ao papado no que diz respeito às missões, e reconheciam a superioridade da Igreja Católica. Isso significa que não recusavam um pedido do Papa e a uma necessidade da Igreja para realizar missão em qualquer lugar do mundo. Evangelizaram todo o mundo conhecido, tendo chegado até os confins do Ceilão, Japão, Marrocos, China, Tibete. Não poderia deixar de mencionar que chegaram ao Brasil em 1549, com Padre Manuel da Nóbrega, e foram os fundadores de São Paulo de Piratininga e seu colégio, tendo a partir deste ponto marcado a expansão territorial e a colonização do interior do Brasil. Outro jesuíta brasileiro de destaque foi José de Anchieta. Opuseram-se à colonização dos índios na América e foram os fundadores das famosas *Misiones* no Sul do Brasil, ou ainda *reducciones*, no Paraguay (também no território que hoje pertence à Argentina, Bolívia e Uruguai). Esta obra magnífica foi destruída pelos espanhóis devido à influência do Marquês de Pombal, que, mobilizando toda a nobreza e reinados europeus, conseguiu a bula de supressão da Companhia. Fundaram colégios em todo o litoral do Brasil, de Santa Catarina à Bahia. Foram expulsos de Portugal em 1759; do Brasil, pelo Marquês de Pombal, em 1760; da França em 1763; e da Espanha em 1769. Os monarcas não conseguiam conviver com a influência e cultura dos Jesuítas: achavam que eles se intrometiam em questões internas. A Ordem foi suprimida 1773, pelo Papa Clemente XIV, através da bula *Dominus ac Redemptor*. Muitos jesuítas foram perseguidos e mortos, mas muitos países se recusaram a aceitar a bula, como Rússia, Polônia e Inglaterra. A Czarina Catarina, a Grande, da Rússia viu na ocasião a oportunidade de atrair os membros da Companhia, gente de grande cultura e estudos, ao seu país, o que muito veio a beneficiar a cultura Russa. A ordem prosperou na Rússia. Em 1814 a Ordem foi restabelecida pelo Papa Pio VII através da encíclica *Sollicitudo omnium ecclesiarum*.

Mas me interessam os jesuítas de hoje porque ali naquele seminário vi uma das cenas mais sublimes e comoventes de toda a minha vida.

Lá estava eu na Faculdade dos Jesuítas, desfrutando de sua hospitalidade. Nós, os conferencistas, ficamos ali hospedados por uma questão prática e econômica, pois não precisaríamos nos deslocar, nem incomodar ninguém. Dormiríamos, faríamos as refeições e trabalharíamos tudo num mesmo lugar.

Impressionei-me com várias coisas: a imensa cultura daqueles jesuítas, que conheciam teologia e filosofia como ninguém, tendo nossos debates sido extremamente enriquecedores – para mim, é claro; a facilidade com que eles – ali havia jesuítas de todo o mundo – falavam cinco ou seis idiomas facilmente; a simplicidade e conforto das casas – cada prédio atendia pelo nome de um pai da Igreja, tudo muito modesto e simples, porém com o conforto necessário; a organização e comodidade dos prédios dos estudantes e professores; o fato de todo o dinheiro da organização, segundo me informou o Frei Albânio, ser aplicado ao ensino, ao material humano e não em construções de grande porte; a importância dos alunos passarem dez anos estudando para serem teólogos, incluindo Filosofia, e sem pagar nada, tudo bancado pela Ordem; a importância deles terem propiciado o diálogo possível entre Teologia e Literatura, abrindo as portas de sua casa para um debate polêmico e instigante. E observem que eu fui falar sobre *as faces de Deus na obra de um Ateu: José Saramago!*

Outra coisa que achei interessante foi que as senhoras responsáveis por fazer a comida, assim que terminavam o almoço, iam embora; e eles, terminando sua refeição, levantavam-se e dirigiam-se à cozinha para lavar os pratos. Isso para não deixar trabalho acumulado para o dia seguinte. Observando o costume, fiz o mesmo. Quando me preparava para lavar meu copo e meu prato, um jesuíta tomou os talhares da minha mão e disse sorrindo:

- As mulheres já lavaram prato por pelo menos dois mil anos... Creio que chega!

Ri e senti-me conquistada pela Ordem. Entreguei os pratos sem nenhuma contestação. Quanta simpatia! Levantava-me após um café medieval, ia aos debates e, quando sobrava tempo, corria para a riquíssima biblioteca, e ficava tal como o Jorge de Burgos, personagem de *O nome da Rosa*, vagando em meio àquelas preciosidades.

Um dia após o almoço, chamou-me a atenção a figura de um jesuíta bem velhinho que não morava nos prédios que eu conhecia, mas que aparecia depois do almoço, caminhando com muita dificuldade, amparado por uma bengala, e usando imensos óculos. Perguntei a Frei Albânio quem era aquele ancião, pois todos o tratavam com deferência e respeito. Frei Albânio me explicou que ele morava na casa/hospital dos jesuítas. Logo após comentou o *curriculum* daquele ancião, capaz de travar o *Lattes celestial*. Então havia um hospital ali dentro, só de anciãos, para jesuítas que haviam servido a Ordem! Fiz com que Frei Albânio me promettesse que me levaria no dia seguinte às cinco da tarde para visitar a residência/hospital da Ordem.

No outro dia às cinco da tarde caminhei junto com o Frei por alamedas com árvores centenárias, pássaros cantando e o sol se pondo no horizonte. Cheiro e sons de outras épocas. Sempre tenho a sensação de não pertencer a este tempo. Quando cheguei ao asilo/hospital, fiquei impressionada pela limpeza do prédio, pela adaptação das instalações. Em todas as paredes havia corrimão, o chão não deslizava e ali eles tinham o melhor tratamento: médicos de plantão, enfermeiras dedicadas, comida controlada por nutricionistas. Eram trinta e seis velhinhos cuidados com um zelo ímpar. Cada dois anciãos dividiam um quarto, com duas camas e dois armários, além de uma pequena escrivaninha. Havia uma espécie de UTI, em que três almas estavam aprisionadas a corpos deformados pelas doenças. Aqueles doutores de Teologia respiravam por aparelhos, não sabiam mais quem eram, qual seu nome, muito menos seus títulos. Não havia mais nenhuma lembrança, nenhuma memória de suas gloriosas conquistas acadêmicas. Só o pó da terra ansiando por aqueles amontoados de ossos, desejando aquela miséria de carne solitária naquele Vale de Ossos Secos.

Ao entrar no asilo, a imagem foi chocante. Eles estavam sentados em seu sofá confortável, num grande salão oval, ouvindo Mozart e outros clássicos. Todos, sem exceção, tinham sido grandes dirigentes da Ordem. Havia ali dois ex-reitores da PUC, a maioria deles falava vários idiomas. As estantes de seus quartos estavam lotadas de livros escritos por eles. Agora nada mais eram que uma pálida sombra do que haviam sido. A maioria tinha entre 75 e 98 anos. Velhos, decadentes, enrugados, sequelados por derrames, falavam com dificuldade e havia aqueles que estavam mergulhados num mutismo, causado pelos furiosos *Alzheimer & Parkinson*.

A música tocava e eu me emocionava, enquanto Frei Albânio cumprimentava cada um numa língua, tentando reavivar alguma lembrança

naquelas mentes em câmera lenta. Havia jesuítas espanhóis, alemães, franceses. Eu, ao mesmo tempo que ficava feliz pela Ordem tratar com tanto carinho e amor aqueles que deram sua vida por ela, por outro lado entristecia-me ao vê-los morrerem sem um parente por perto, sem um filho, sem um neto, para ajudá-los a fazerem esta difícil passagem. Não me conformava com o celibato. Para mim o celibato era uma estupidez sem fim. Não havia base bíblica alguma para isto, os patriarcas tiveram mais de uma mulher e Jesus, talvez, só não se casou, porque não teve tempo. Aqueles homens eram constrangedoramente banhados, penteados por enfermeiras... A velhice é a prova concreta que o inferno existe! E é aqui na terra!

No outro dia, ainda sob impacto da visão do dia anterior, comentei isso com um estudante de Teologia e ele me disse que escolher viver o celibato é escolher viver o querigma de Cristo. Que eles precisavam dedicar-se inteiramente à obra e o casamento atrapalharia sua missão, que o celibato era uma oferenda⁴⁷. Repliquei que era uma oferenda muita alta, demasiadamente além do humano. Nem mesmo *YHWH* se sentiria honrado com tamanho sacrifício! Lembrei que os próprios patriarcas, como Jacó, tiveram mais de uma esposa: no caso de Jacó, foram quatro. Que Salomão teve setecentas princesas e trezentas concubinas. Explanei que Jesus não foi celibatário, no sentido daquele que escolhe viver solteiro para o resto da vida; mas que não teve tempo para se casar, já que morreu novo, aos trinta e três anos. Afinal, estávamos falando em ter uma só mulher, como os próprios discípulos de Jesus tiveram. E para um judeu dos tempos de Jesus, ser solteiro era praticamente uma heresia... Argumentei ainda que sexo não tem absolutamente nada a ver com castidade... Que se pode ser casto e fazer sexo... Que o sexo é uma visão do paraíso e que foi uma das maiores bênçãos concedidas ao ser humano...

Frei Albânio se afastou e conversei um pouco com uma enfermeira que era gaúcha e que trabalhava ali há dez anos. Notei um jesuíta sentado numa poltrona que se movimentava no ritmo e compasso certo da música. Ele tinha

⁴⁷ Abaixo transcrevo na íntegra a belíssima fala do jovem jesuíta: “Há dois aspectos principais que fundamentam o celibato na vida religiosa: o primeiro é a configuração à pessoa de Jesus Cristo. A pessoa de Jesus Cristo apresentada nos Evangelhos era casto e a pessoa que opta pela vida religiosa tem esse desejo de configuração, o máximo possível, à pessoa de Jesus. Isto implica até o modo de vida. Quando se ama alguém, deseja-se o máximo possível imitá-la e ser igual a quem amamos, por isso, a castidade, idêntica a de Jesus relatada pelos Evangelhos; o segundo aspecto é a dedicação exclusiva à construção do Reino e o serviço ao povo de Deus. O próprio Jesus dedicou sua vida inteira ao serviço do povo, ao alívio do sofrimento e ao anúncio e construção do Reino de Deus já na terra. O religioso busca se configurar ao Cristo também assumindo essa dedicação exclusiva.”

93 anos. Atacado pelos demônios *Alzheimer* e *Parkinson*, não se lembrava de mais nada. Como havia sido atleta quando jovem, e praticado esporte na Ordem até os cinquenta anos, seu corpo, apesar dos tremores constantes, resistia firme enquanto a memória há havia debandado há dez anos.

Berta, a enfermeira gaúcha de sotaque alemão, me confidenciou que quando chegara ali há dez anos, aquele jesuíta, que era italiano, ainda se lembrava de raras cenas de juventude. Sempre repetia que quando tinha dezoito anos havia ido a um baile em Veneza e que dançara uma valsa com uma moça loira de olhos verdes e cabelos encaracolados. Berta confessou-me que, quando falava daquela valsa e daquela moça, ele fazia gestos de quem queria dançar. Mas isso foi há dez anos, agora ele perdeu toda a memória e encerra-se num mutismo inviolável. Nenhum sentimento, nenhuma palavra naquela silenciosa máscara de rugas.

Berta, ao observar que eu era loira, de olhos verdes e cabelos enrolados, teve uma ideia.

- Você quer ver? Vou colocar uma valsa.

Enquanto ela foi até o aparelho de CD e tentava achar uma valsa vienense, aproximei-me do venerando jesuíta italiano. Parei a uns três metros e comecei a olhar para ele. Ele, de sua poltrona, me olhava intrigado. Neste momento, a valsa encheu de alegria aquele mausoléu. Os outros velhinhos continuavam estáticos em suas cadeiras, mas o jesuíta italiano, que soube mais tarde chamar-se Frei Ângelo, agitou-se tentando se levantar. Seus olhos ganharam outro brilho, sua boca enrugada esboçou um esperançoso sorriso, seu corpo dos tempos de atleta deu-lhe força para levantar-se. Apoiou suas mãos trêmulas na poltrona, firmou seu corpo sobre as pernas que tinham memórias atléticas e caminhou com dificuldade em minha direção. Com passos vagarosos ele veio até a mim, sempre sorrindo, com os braços abertos como para me enlaçar.

Aqueles ossos, aquele corpo arrancou o vigor do passado e a mente desmemoriada teve um clarão epifânico. Ângelo estava num baile há exatos 75 anos atrás. Aquele belo jovem italiano, de olhos azuis, corpo atlético, esbanjando vigor, corpo tremendo, mãos suando, coração disparado, enlaçou-me feliz e me conduziu magnificamente pelo salão. E eu que sempre quis dançar uma valsa e que, devido ao protestantismo nunca pude realizar este sonho, rodopiava agora em Veneza com um lindo italiano. Ele dançou novamente sua primeira, única e derradeira valsa.

O *Parkinson* e o *Alzheimer* levaram todo o grego, todo o latim, todo o hebraico, todo Santo Agostinho, todas as sùmulas teológicas, todos os compêndios sobre teologia, todos os trinta livros escritos por Frei Ângelo. Só uma teimosa alma estava aprisionada àquele corpo. Naquele momento uma nesga de lembrança raiou em meio àquele arquivo morto. Aquele cérebro carcomido por 93 anos de lutas só respondia com um iluminado sorriso e um festivo gestual, valsando Strauss, enquanto esperava a morte chegar. Só sobrou a imagem de uma jovem loira dançando num baile em Veneza. Só sobrou isto! Sobrou tudo isto! E esta valsa foi a coisa mais importante de sua vida. No tempo de uma valsa, às vezes, se vive a eternidade. Ele deu toda a sua vida para a Teologia e só alguns minutos para o amor. Não havia mais Deus, nem Teologia, nem fé, nem sabedoria, só aquela moça, só aquela valsa. Só Átropos, em seu vestido cinzento, afiando a velha tesoura, também valsando de braços abertos. Aqui só amor foi tudo.

*“As águas da torrente jamais poderão
apagar o amor
nem os rios afogá-lo.
Quisesse alguém dar tudo o que tem
para comprar o amor...” (Ct 8:7)*

*A eternidade de uma
valsa!*



A Valsa. Camille Claudel (1864-1943), escultora francesa.

O Parkinson e o Alzheimer levaram todo o grego, todo o latim, todo o hebraico, todo Santo Agostinho, todas as sùmulas teològicas, todos os

compêndios sobre teologia, todos os 40 livros escritos por Frei Ângelo. Só uma teimosa alma estava aprisionada àquele corpo. Naquele momento uma nesga de lembrança raiou em meio àquele arquivo morto. Aquele cérebro carcomido por 93 anos de lutas só respondia com um iluminado sorriso e um festivo gestual, valsando Strauss, enquanto esperava a morte chegar. Só sobrou a imagem de uma jovem loira dançando num baile em Veneza. Só sobrou isto! Sobrou tudo isto! E esta valsa foi a coisa mais importante de sua vida. No tempo de uma valsa, às vezes, se vive a eternidade. Ele deu toda a sua vida para a Teologia e só alguns minutos para o amor. Não havia mais Deus, nem Teologia, nem fé, nem sabedoria, só aquela moça, só aquela valsa. Só Átropos, em seu vestido cinzento, afiando a velha tesoura, também valsando de braços abertos. Aqui só amor foi tudo.

Leitor(a) querido(a), o que você acha do celibato?